



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO ACADÊMICO DA VITÓRIA
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

HEITOR AYRES BELO FRANÇA

**UTILIZAÇÃO DE LIVRO PARADIDÁTICO NO ENSINO DE ECOLOGIA NO
ENSINO MÉDIO**

Vitória de Santo Antão/ PE

2022

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO ACADÊMICO DA VITÓRIA
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

HEITOR AYRES BELO FRANÇA

**UTILIZAÇÃO DE LIVRO PARADIDÁTICO NO ENSINO DE ECOLOGIA NO
ENSINO MÉDIO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Graduação em
Licenciatura em Ciências Biológicas da
Universidade Federal de Pernambuco,
Centro Acadêmico da Vitória, como requisito
para obtenção de grau de Licenciado em
Ciências Biológicas.

Orientador: Prof. Gilmar Beserra de Farias

Vitória de Santo Antão/ PE

2022

Catálogo na Fonte
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFPE. Biblioteca Setorial do CAV.
Bibliotecária Jaciane Freire Santana, CRB-4/2018

F815u França, Heitor Ayres Belo
Utilização de livro paradidático no ensino de ecologia no ensino
médio /Heitor Ayres Belo França. - Vitória de Santo Antão, 2022.
82 p.; il: color.

Orientador: Gilmar Beserra de Farias.
TCC (Licenciatura em Ciências Biológicas) - Universidade Federal de Pernambuco, CAV, Licenciatura em Ciências Biológicas, 2022.
Inclui referências e apêndice.

1. Livro paradidático. 2. Ensino de ciências. 3. Biologia - estudo e ensino. 4. Sequência didática. I. Farias, Gilmar Beserra de (Orientador). II. Título.

570.7 CDD (23. ed.)

BIBCAV/UFPE - 046/2022

HEITOR AYRES BELO FRANÇA

**UTILIZAÇÃO DE LIVRO PARADIDÁTICO NO ENSINO DE ECOLOGIA NO
ENSINO MÉDIO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Graduação em
Licenciatura em Ciências Biológicas da
Universidade Federal de Pernambuco,
Centro Acadêmico da Vitória, como requisito
para obtenção de grau de Licenciado em
Ciências Biológicas.

Aprovado em: 11 /02 /2022

BANCA EXAMINADORA

Profº. Dr. Gilmar Beserra da Farias (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

Profª. Drª. Magadã Marinho Rocha de Lira (Examinadora Externa)
Instituto Federal de Pernambuco - IFPE
Campus Vitória de Santo Antão

Profº. Dr. Ernani Nunes Ribeiro (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco - UFPE
Centro Acadêmico da Vitória - CAV

AGRADECIMENTOS

Obrigado aos meus pais, por me ensinar a pensar e questionar;

Obrigado aos meus amigos, por aguentar meu mau humor eterno dos últimos meses;

Obrigado ao meu orientador, professor Gilmar Farias, por aceitar me orientar de última hora;

Obrigado a todos os músicos que me mantiveram são nas madrugadas mais difíceis;

Obrigado aos meus professores, do ensino fundamental ao superior, por me darem a base que precisei para chegar até aqui;

Obrigado a Stephen Hawking, por acender o braseiro da ciência em mim;

Obrigado a Carl Sagan, por transformar as brasas em chamas;

E, por fim, obrigado ao Heitor do passado, por conseguir respirar fundo e continuar seguindo em frente. Espero que o Heitor do futuro se orgulhe de mim como eu me orgulho de você.

“Não só ensine seus filhos a ler.
Ensine-os a questionar o que
estão lendo. Ensine-os a
questionar tudo.”
George Carlin

RESUMO

Para a formação do estudante enquanto cidadão crítico, é de suma importância desenvolver nele a habilidade de ler e compreender textos através da lente da ciência. Para isso, é necessário que o professor utilize materiais e recursos de diversos tipos, expondo os alunos a diferentes linguagens. O objetivo deste trabalho foi produzir um livro paradidático para auxiliar o processo de ensino-aprendizagem de Ecologia no ensino médio. Como metodologia para desenvolver o roteiro do livro paradidático foi seguido a narrativa clássica da “Jornada do Herói” proposta por Joseph Campbell. O livro paradidático produzido recebeu o título de “Sofia na floresta da sabedoria” e buscou conectar-se com o aluno por meio de temas fantásticos, presentes na literatura infanto-juvenil. Como proposta de ensino, também foi sugerida uma Sequência Didática Investigativa e dividida em momentos pedagógicos, reforçando a importância da participação do aluno. A sequência didática utilizou o livro paradidático aqui apresentado, relacionando os conceitos apresentados com trabalhos desenvolvidos pelos alunos, tendo sempre em vista a formação de estudantes capazes de compreender não só os conceitos de Ecologia, mas também o método científico como um todo.

Palavras-chave: recurso didático; sequência didática investigativa; alfabetização científica.

ABSTRACT

It's understood that, for the formation of students as critical citizens, it's very important for them to develop the ability to read and understand texts through the lens of science. For that, it's necessary for the teacher to utilize materials and resources of various types, exposing the students to different languages. The objective of this work is to produce a paradidactic book that helps in the teaching-learning process of ecology in high school. Methodology-wise, the development of the script for the book followed the classic narrative of the "Hero's Journey", proposed by Joseph Campbell. The paradidactic book received the title "Sofia na Floresta da Sabedoria" (Sofia In The Forest Of Wisdom) and aimed to connect with the student through fantastic themes, present in children's literature. As a teaching proposal, it was also suggested an Investigative Didactic Sequence that was divided in pedagogical moments, reinforcing the importance of the student's participation. The didactic sequence utilized the paradidactic book presented here, relating the concepts presented with works developed by the students, always aiming for the formation of students able not only to understand the concepts of ecology presented in the book, but also the scientific method as a whole.

Keywords: didactic resource; investigative teaching sequence; scientific literacy.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 OBJETIVOS	10
2.2 OBJETIVO GERAL	10
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	10
3 REVISÃO DE LITERATURA	11
3.1 LIVROS PARADIDÁTICOS	11
3.1.1 A utilização dos livros paradidáticos em processos educativos	12
3.1.2 A utilização de livros paradidáticos no ensino de Ciências Biológicas e Ecologia	13
3.2 A ALFABETIZAÇÃO CIENTÍFICA E O ENSINO INVESTIGATIVO	15
3.3 ENSINO DE ECOLOGIA	20
4 METODOLOGIA	25
5 RESULTADOS	29
5.1 ROTEIRO DO LIVRO PARADIDÁTICO	29
5.2 LIVRO PARADIDÁTICO: SOFIA NA FLORESTA DA SABEDORIA	30
5.3 SEQUÊNCIA DIDÁTICA INVESTIGATIVA	31
5.3.1 Sequência didática investigativa: relações ecológicas	32
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS	39
APÊNDICE A – LIVRO PARADIDÁTICO	43

1 INTRODUÇÃO

O ensino de Ciências da Natureza na educação básica tem se tornado um desafio cada vez maior com o passar dos anos. O grande fluxo de informações proporcionado pela internet pode informar e desinformar com a mesma intensidade, tornando-se uma ferramenta perigosa para o desenvolvimento dos alunos enquanto indivíduos pensantes.

Faz parte do papel do professor, como educador, garantir que o aluno desenvolva uma visão crítica do mundo e tenha conhecimento e autonomia para discernir quais afirmações possuem base científica. Para isso, para ajudar os alunos no desenvolvimento de uma autonomia intelectual, o professor pode utilizar-se de ferramentas de tipos variados, tais como: vídeos, filmes, textos, livros didáticos e livros paradidáticos.

Rodrigues (1996) apontou em seu texto uma das grandes vantagens do livro paradidático: abranger poucos temas por vez, com a possibilidade de se aprofundar no tema, de forma que um livro usual não seria capaz. Também afirmou a importância dos livros de divulgação científica como uma fonte de reflexões sobre o papel da ciência e sua importância no mundo.

Partindo desse princípio, encara-se a literatura como uma forma de sensibilizar o aluno em um nível mais profundo de reconhecimento, permitindo que ele se identifique com os personagens daquela história e, por meio dos feitos heroicos deles, reflitam sobre a importância de características positivas, como a coragem e a humildade. A partir dessa perspectiva, foi produzido um livro paradidático com o intuito de ensinar Ecologia, bem como sugerida uma Sequência Didática Investigativa (SDI) para sua aplicação em sala de aula.

2 OBJETIVOS

2.2 OBJETIVO GERAL

Desenvolver uma sequência didática investigativa, utilizando um manuscrito paradidático original, para o ensino de ecologia no ensino médio.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) Elaborar o roteiro de um livro paradidático;
- b) Confeccionar o livro paradidático com uma linha narrativa para o ensino de Ecologia;
- c) Elaborar uma Sequência Didática Investigativa sobre ensino de Ecologia utilizando o livro paradidático confeccionado.

3 REVISÃO DE LITERATURA

3.1 LIVROS PARADIDÁTICOS

O termo paradidático vem da união do prefixo grego “para” (próximo de) e a palavra “didático”. Essa união de palavras nos leva ao significado proposto por Menezes (2001), como um material que não é propriamente didático, porém pode ser usado para esse fim. Essa definição demonstra também sua característica paralela aos livros didáticos convencionais, pois são, afinal, materiais de apoio. Logo, os livros paradidáticos são livros que trazem consigo um caráter educacional, porém não sendo de fato um livro didático comum.

Além de servir como apoio para o conteúdo escolar, os livros paradidáticos são de grande importância para a formação do aluno como leitor (LAGUNA, 2012), o que evidencia suas propriedades intrinsecamente ligadas à linguagem. Essas propriedades nos permitem olhar o livro paradidático como uma poderosa ferramenta interdisciplinar, capaz de incentivar o hábito da leitura e, ao mesmo tempo, a curiosidade, por meio da inserção de elementos de outras disciplinas escolares (SOUZA, 2014).

O hábito da leitura é “capaz de instruir, divertir, fazer sonhar com projetos pessoais, políticos, de justiça, de amor e de paz” (LAGUNA, 2012, p. 1). A leitura é uma forma de conectar as pessoas com personagens fictícios. Joseph Campbell¹, em seu livro “O Herói de Mil Faces”, demonstra como mitos e lendas de vários cantos do mundo utilizam sempre um herói arquetípico que começa em uma vida pacata e inocente e, com esforço, alcança a maturidade, tornando-se um herói. Esse fato demonstra a importância de contos e alegorias como fonte de inspiração por meio da história do mundo. Portanto, faz-se necessário encarar o livro paradidático não só como um material de apoio para os livros didáticos usuais, mas também como uma forma de despertar no aluno o amor pela leitura e, acima disso, fazê-lo identificar-se com personagens heroicos, ajudando-o a enxergar em si ideais de bondade e coragem.

¹ Joseph Campbell (1904-1987) foi um professor de literatura norte-americano e mitologista que dedicou sua pesquisa a mitos e religiões comparadas. Seu trabalho é discutido até os dias de hoje, sendo muito influente para a psicologia, antropologia e literatura.

Do ponto de vista do educador, a aplicação dos livros paradidáticos deve vir com uma adaptação de seu método de ensino. O ensino por investigação, método que transforma o aluno em um agente ativo na construção do conhecimento e o professor em um condutor que o guia na direção certa, é uma estratégia bastante indicada para a aplicação de livros paradidáticos (OLIVEIRA, 2012). Ao se tornar um agente ativo na aprendizagem, o estudante exercita sua autonomia e curiosidade, duas características essenciais para sua formação como sujeito pensante. Dessa perspectiva, o livro paradidático pode ser utilizado como gatilho para a pesquisa, incitando a curiosidade do aluno sobre questões científicas (RODRIGUES, 1996).

Ainda, segundo Rodrigues (1996), a divulgação científica realizada por meio de instrumentos lúdicos e simples ajudam a desmistificar manchetes e notícias extravagantes que transformam descobertas científicas em novidades impactantes e chocantes. Alguém que não foi munido de pensamento científico torna-se incapaz de avaliar essas informações, tornando-se refém da interpretação equivocada das grandes mídias. Levando em consideração a prevalência de notícias falsas espalhadas pela internet, desenvolver o pensamento crítico é essencial para discernir fatos de mentiras. A partir desta perspectiva, percebe-se a importância do uso de métodos lúdicos e simples que despertem a curiosidade do aluno para informações científicas. Assim, o livro paradidático é uma forma de não somente alcançar esse objetivo, como também despertar no aluno o hábito da leitura e permitir a conexão dele com personagens valorosos que podem ajudá-lo a se tornar um cidadão honesto e justo.

3.1.1 A utilização dos livros paradidáticos em processos educativos

Como já foi descrito anteriormente, o livro paradidático é extremamente versátil no que tange o seu conteúdo. Por ajudar a aproximar o estudante do conteúdo, contextualizando o conhecimento para o universo dele, esse material é capaz de dialogar de forma satisfatória, permitindo uma maior conexão não só com matérias escolares, mas também com causas sociais. Petrenas (2014) utilizou livros paradidáticos para discutir representações de gênero, utilizando os padrões impostos pela sociedade para meninos e meninas, com livros como “O menino Nito: então, homem chora, ou não?” (ROSA, 2008). Alternativamente, Jesus (2015) analisou a representação da população negra em livros paradidáticos, não só como

personagens, mas também como seus autores. Assim, pode-se observar a característica social que o livro paradidático traz, utilizando sua linguagem amigável para facilitar a identificação do aluno.

O livro paradidático também é utilizado nas ciências humanas. Zamboni (1991) analisou o uso de três desses livros voltados para o ensino de história. Nesse caso, os livros utilizados são “reforçadores dos laços de dominação”. Zamboni aponta de forma clara as falhas dos conteúdos contidos nos livros analisados, demonstrando que a característica inovadora deste material está intrinsecamente relacionada ao seu conteúdo, pois se este é retrógrado o paradidático terá pouco valor real.

Nas ciências exatas, o maior exemplo seria “O homem que calculava”, livro escrito por Júlio César de Melo e Sousa sob o pseudônimo de Malba Tahan. Pinto (2013) utilizou um paradidático próprio para ensino de progressões geométrica e aritmética, com avaliações positivas tanto dos alunos quanto dos professores. Nos questionários aplicados pelo pesquisador, os alunos fizeram comentários sobre como a narrativa ajudou a entender melhor os conceitos. Também afirmam que o livro despertou curiosidade sobre o tema. Quanto aos professores, 63% afirmaram que já utilizaram livros paradidáticos em aula. Isso mostra que há interesse por parte dos professores de aplicar esse material em suas aulas.

3.1.2 A utilização de livros paradidáticos no ensino de Ciências Biológicas e Ecologia

Nas Ciências Naturais, Arruda (2020) baseou-se na importância de temas contextualizados e problemáticas sociais para auxiliar no entendimento de conceitos de química, especificamente polímeros. Também utilizou do caráter interdisciplinar do livro paradidático para desenvolver um material que despertasse a consciência ecológica nos alunos.

Souza (2016) realizou uma análise crítica do livro “Alice no País do Quantum: A Física Quântica ao Alcance de Todos”, do autor Robert Gilmore, publicado no Brasil pela editora Zahar. Este livro, baseado no clássico “Alice no País das Maravilhas”, de Lewis Carroll, utilizou uma personagem já enraizada na cultura ocidental como base para contar uma história diferente que constrói conhecimentos de física quântica. Souza (2016) ainda mencionou a ligação entre o conhecimento

científico e o contexto fantástico do livro, apontando momentos da narrativa onde o tom poético em forma de metalinguagem é utilizado para explicar conceitos científicos de difícil assimilação, comuns no ramo da física quântica.

No campo da astronomia, “George e o Segredo do Universo” (HAWKING; HAWKING, 2007) utilizou um cenário familiar a uma criança, sendo escrito do ponto de vista de George, um garoto comum e curioso. O livro utilizou conceitos de ficção científica para expor ao leitor imagens e conteúdos científicos da astronomia e física, sempre mantendo a simplicidade. O livro, que conta com imagens e arquivos sobre a história da astronomia e suas descobertas, serve ao propósito de incentivar o leitor a pesquisar e aprender. Este material, entretanto, tem seus problemas; é um livro relativamente longo e transforma a figura do professor (representado pelo personagem doutor Reeper) em uma espécie de vilão. Podemos retirar desse livro importantes lições sobre ludicidade.

Na Biologia, Carvalho (2019) utilizou a produção de histórias em quadrinhos para o ensino de Genética e Biologia Celular no ensino médio, com resultados satisfatórios entre os alunos. Ele novamente ressalta a importância da contextualização do conhecimento para que o aluno se sinta interessado pelo aprendizado. Em sua análise de livros didáticos, não encontrou nenhuma menção à interdisciplinaridade, o que demonstra a falha dos livros didáticos usuais em trabalhar a educação de forma ampla.

Santos (2015) mencionou a importância do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), uma prova que exige do estudante a habilidade de relacionar conhecimentos de diversas áreas com pautas sociais contextualizadas para a realidade atual do país. Em seu trabalho, apurou que os alunos encontram dificuldade na relação entre vetores de transmissão e condições ambientais favoráveis a esses vetores. Essa dificuldade evidencia o pouco preparo dos alunos para pensar de forma a relacionar eventos distintos, e demonstra a necessidade de trabalhar com materiais que sejam capazes de nutrir nos alunos o pensamento científico. O trabalho também constata a importância do livro paradidático para esse fim, contextualizando os conceitos da Biologia de forma a criar no aluno o hábito de pensar de forma crítica e ampla.

Lopes (2019) utilizou “O livro de ouro da evolução”, de Carl Zimmer (2003), como recurso de apoio para o ensino de Evolução para alunos universitários. Para Lopes, a leitura de um livro extenso pode vir a ser estressante e, conseqüentemente, prejudicial ao processo de ensino. Ele optou, então, pela leitura de capítulos isolados com temas pertinentes aos assuntos abordados em sala de aula. Os alunos então participaram de rodas de discussão sobre o capítulo.

O estudo teve resultados positivos, visto que os alunos entrevistados demonstraram ter se interessado mais pela matéria e considerado a metodologia eficiente. A partir das ideias levantadas aqui, entende-se o livro paradidático como um material de apoio ao livro didático usual, com características flexíveis que pode ser uma ferramenta fundamental para a contextualização do conhecimento e para a interdisciplinaridade, permitindo que o professor possa trabalhar temas diversos ao mesmo tempo que ajuda a nutrir no aluno o interesse pela leitura.

Portanto, entende-se que o livro paradidático é uma ferramenta que deve ser explorada no ensino de Ciências da Natureza. Ele deve, entretanto, vir acompanhado de uma metodologia capaz de explorá-lo ao máximo. Oliveira (2012) demonstrou o uso de livros paradidáticos no ensino por investigação, demonstrando o grande potencial que o uso desse material pode ter: uma proposta interdisciplinar que informa e é capaz de formar o aluno enquanto leitor e cidadão.

3.2 A ALFABETIZAÇÃO CIENTÍFICA E O ENSINO INVESTIGATIVO

“Vivemos numa sociedade dependente da ciência e da tecnologia, mas que não sabe quase nada disso” (SAGAN, 1990, p. 2). Carl Sagan², astrônomo e escritor estadunidense, proferiu essas palavras no início da década de 1990 e, desde então, ela só se tornou ainda mais realista.

Em seu livro “O Mundo Assombrado pelos Demônios”, Sagan discorreu sobre os malefícios que a má interpretação da ciência traz. São problemas de saúde pública, como negar o uso de vacinas e outros medicamentos, até problemas políticos, como supostos videntes controlarem as decisões de presidentes e líderes

² Carl Sagan (1934-1996) foi um dos grandes nomes da divulgação científica no final do século 20. Por ser um talentoso comunicador, criou o programa Cosmos para ensinar astronomia aos leigos nessa área de conhecimento. Também foi muito conhecido pelo combate ao negacionismo científico e pseudociências.

mundiais. Um dos papéis do educador é munir o aluno de ferramentas para que ele possa ver o mundo de forma ampla e objetiva. Um dos meios para esse fim é nutrir no estudante a capacidade de entender o método científico e, a partir dele, reconhecer ao seu redor quais fatos podem ou não ser comprovados de forma científica.

Sasseron (2011) encontrou divergências na tradução do termo “alfabetização científica”. Em inglês, o termo empregado é *scientific literacy*, e sua tradução varia de autor para autor. Sasseron apurou que existem três termos mais utilizados para se referir a esse conceito: “enculturação científica”, “letramento científico” e “alfabetização científica”. Cada autor tem seus próprios motivos para utilizar cada um desses termos, porém, Sasseron escolheu utilizar o termo Alfabetização Científica baseando-se em estudos de Paulo Freire.

[...] usaremos o termo “alfabetização científica” para designar as ideias que temos em mente e que objetivamos ao planejar um ensino que permita aos alunos interagir com uma nova cultura, com uma nova forma de ver o mundo e seus acontecimentos, podendo modificá-los e a si próprio através da prática consciente propiciada por sua interação cerceada de saberes de noções e conhecimentos científicos, bem como das habilidades associadas ao fazer científico (SASSERON, p. 3, 2011).

Assim, Sasseron (2011) definiu que a Alfabetização Científica tem como objetivo tornar o aluno um ser pensante e capaz de interagir com novos tipos de conhecimentos, mudando sua forma de ver o mundo e a si mesmo. Essa mudança de perspectiva permite que o aluno possa mudar não só a si mesmo, como também o meio que o cerca.

Analisando os termos alfabetização e letramento, Teixeira (2013) chegou à conclusão de que os termos são distintos e, portanto, não devem ser usados como sinônimos. Sua análise sobre a aplicação dos termos alfabetização (aprender a ler escrever) e letramento (aplicar a leitura e escrita de forma efetiva), bem como sua transposição para o uso no sentido científico, chegou à conclusão de que “alfabetização científica” se refere à habilidade de leitura e escrita de textos científicos. Teixeira (2013) afirmou a importância da alfabetização plena do aluno para que ele possa compreender de fato textos científicos, não apenas decorá-los

de forma mecânica. Nesse contexto, entende-se a importância do hábito de leitura para preparar o aluno para textos científicos mais complexos.

Na alfabetização usual, ou seja, no aprendizado da leitura e escrita, o uso de livros paradidáticos é um recurso poderoso. Radino (2017) realizou uma análise do uso de contos de fadas na alfabetização de alunos, utilizando relatos de dois professores de ensino fundamental. Nesse estudo, uma das professoras relatou que a leitura de contos de fada foi extremamente positiva durante o aprendizado da leitura. “Essa professora percebeu que os contos não só ajudam a criança a se alfabetizar como alimentam sua alma. A alfabetização ocorre naturalmente” (RADINO, 2017, p. 30).

Assim, entende-se que a literatura fantástica possui um grande impacto na alfabetização dos alunos. Há, portanto, a possibilidade de utilizar recursos semelhantes na Alfabetização Científica, respeitando as exigências da faixa etária dos alunos e mantendo o rigor característico do conhecimento científico.

Chassot (2003) trouxe em sua análise uma visão da formação de professores de ciências alinhada com Lopes (1999), comentando a separação da ciência da universidade (um saber puramente acadêmico) e a ciência da escola, que requer maior contextualização e reestruturação para atender as necessidades sociais do ambiente escolar. Evidencia-se novamente a importância de adaptar o conhecimento de forma a caber dentro de cada ambiente, e essa não é uma tarefa fácil.

Para Chassot (2003), a Alfabetização Científica possui um significado muito mais atrelado ao sentido usual do termo “alfabetização”. Em seu texto, afirma que a ciência nada mais é que uma linguagem que nos permite compreender a natureza, como a alfabetização em português nos permite compreender um texto em português. Entendendo a ciência como uma forma de linguagem, Chassot demonstrou a importância das características interdisciplinares das ciências, não só as que chamamos naturais, como também as das outras áreas do conhecimento definidas pelo Ministério da Educação (MEC): matemática, linguagens e humanas.

Essa linha de raciocínio naturalmente se volta para a alfabetização e capacidade de leitura do aluno. Se a ciência (ou as ciências) é uma linguagem, é lógico afirmar que para compreendê-la o aluno precisa passar por uma espécie de

alfabetização. É nesse contexto que se insere a Alfabetização Científica, um meio para que o aluno possa aprender a ler a ciência e entendê-la de forma satisfatória.

Como seria, então, uma aula com uma abordagem pautada na Alfabetização Científica? Por ser um tema interdisciplinar que exige do aluno um papel ativo e do professor o papel de mediador e condutor, entende-se que o ensino por investigação seja o método indicado para incitar no aluno a curiosidade de pesquisar, bem como a autonomia intelectual para questionar e entender os textos científicos.

Bruner (1961) foi um dos primeiros a utilizar um método parecido com o que conhecemos como pesquisa por investigação. Seu texto demonstra dois métodos de ensino: o primeiro tem o professor como “falante”, que determina o ritmo do aprendizado de forma unilateral. Já o segundo, que ele chama de modelo hipotético, tem o aluno não apenas como ouvinte, mas como parceiro que divide o protagonismo com o professor:

No modo hipotético (de ensino), o professor e o aluno estão em uma posição mais cooperativa, com respeito ao que seria chamado na linguística de “decisão do orador”. O estudante não é um ouvinte parado em sua cadeira, mas toma parte na formulação e às vezes será o protagonista dela (BRUNER, 1961, p. 2).

Nesse trecho, Bruner coloca o aluno em posição igual à do professor, porém também evidencia a importância do respeito entre eles. O aluno está tomando o controle de seu processo de aprendizado, mas o professor ainda deve manter sua postura de condutor de forma a não permitir que os alunos cheguem a conclusões equivocadas (e, se chegarem, que sejam prontamente corrigidas).

Schwab (1960) insiste na importância do uso de laboratórios nas aulas de ciências. Seu texto é pautado na ideia de que o ensino de ciências se encontrava estagnado e preso às ideias de ciência do século anterior. Ele insiste que o ensino das ciências deve ser análogo à forma que a ciência é feita nos tempos atuais, dinâmica. Mesmo tendo dito isso nos Estados Unidos da América na década de 1960, essa afirmação pode ser real para a realidade atual do Brasil.

Barrow (2006) alertou professores que vierem a implementar o ensino por investigação de que é um método que requer mais tempo para ser utilizado. Entretanto, também afirma que os alunos terão um conhecimento mais profundo dos conceitos científicos aprendidos.

Como seria, então, uma aula com uma abordagem de ensino por investigação? Magalhães et. al. (2019) desenvolveram uma Sequência Didática Investigativa para o ensino de bioquímica e função renal em alunos do ensino superior. Em sua sequência, Magalhães propõe seis aulas de natureza prática para o curso de medicina: estudos de casos hipotéticos e análise de problemas do ponto de vista científico, despertando nos alunos a capacidade de responder perguntas não óbvias utilizando as informações disponíveis.

Em sua análise do ensino por investigação, Solino (2015) comentou a importância de utilizar soluções de problemas não roteirizados em sala de aula. Em atividades práticas usuais, os alunos realizam um experimento seguindo um roteiro e, em geral, tendo uma ideia do resultado. Numa investigação, os alunos, tal qual cientistas, utilizam sua criatividade e autonomia intelectual para desenvolver caminhos para resolver o problema, sem seguir um roteiro pré-definido pelo professor. A diferença, segundo Solino (2015), entre o aluno e um cientista, é que o cientista está em busca de respostas que ainda não foram documentadas, enquanto os alunos estão adquirindo um conhecimento que já é consenso na comunidade científica. Essa diferença permite que o professor possa fazer uma espécie de “simulação” do método científico, um experimento que o professor já sabe o resultado, mas os alunos não.

O professor, enquanto mediador dessa investigação, deve trabalhar para que os problemas a serem solucionados sejam contextualizados para a realidade do aluno. Diversos assuntos das ciências naturais possuem conceitos abstratos e de difícil observação pelos alunos. É nesse ponto abstrato que recursos didáticos que buscam contextualizar esses conhecimentos devem trabalhar: transformar os conhecimentos científicos de difícil assimilação em conhecimentos acessíveis, que permitam que o aluno possa resolver de forma satisfatória o problema proposto pelo professor.

No ensino de Ecologia, Motokane (2015) apontou uma das grandes barreiras no ensino de Biologia na escola: a ideia de que é uma ciência repleta de nomes, muitas vezes de difícil memorização, que precisam ser decorados. Essa visão acaba por ser comum nas outras ciências da natureza, como as fórmulas de Física e a nomenclatura de moléculas orgânicas da Química. Essas partes das ciências,

apesar de extremamente importantes, acabam por criar uma barreira entre o aluno e o conhecimento contextualizado.

Pensando nisso, Motokane (2015) desenvolveu Sequências Didáticas Investigativas com conteúdos de fácil aplicação em sala de aula, pois cobrem temas comuns da Ecologia. Essa também é uma grande questão a se pensar: onde, dentro do currículo que um professor de ciências organiza, poderemos encaixar Sequências Didáticas Investigativas? A produção dessas sequências deve ser pensada com cuidado. Além de suas sequências, o autor também apontou uma parte fundamental das Sequências Didáticas Investigativas: o desenvolvimento da habilidade de argumentação dos alunos. Para que a investigação seja um sucesso, o aluno deve ser capaz de defender suas ideias e opiniões de forma clara, baseando-se nos fatos encontrados durante a investigação.

Por meio dessa perspectiva, podemos entender o ensino investigativo como uma forma de refinar, de forma dinâmica, algumas habilidades essenciais necessárias para uma formação acadêmica adequada: o pensamento científico, a argumentação baseada em fatos, a autonomia intelectual e a capacidade de pensar de forma crítica sobre o mundo, utilizando conhecimentos de diversas áreas para solucionar problemas.

3.3 ENSINO DE ECOLOGIA

Em sua segunda competência específica do ensino das Ciências da Natureza e suas Tecnologias, a BNCC (BRASIL, 2018) aponta a necessidade do estudo da dinâmica do funcionamento do universo e da vida:

(...) entender a vida em sua diversidade de formas e níveis de organização permite aos estudantes atribuir importância à natureza e a seus recursos, considerando a imprevisibilidade de fenômenos, as consequências da ação antrópica e os limites das explicações e do próprio conhecimento científico (BRASIL, 2018, p.558).

Esse parágrafo em si traz consigo alguns princípios importantes: entender a importância da natureza e seus recursos limitados, muitas vezes explorados de forma inconsequente pelo ser humano, entender como as diferentes formas de vida se relacionam entre si e os limites do conhecimento científico. Os dois primeiros

desses princípios talvez tragam consigo uma importância mais óbvia: faz-se necessário que o aluno entenda que é necessário proteger a natureza e seus recursos, tanto para a preservação de nossa própria espécie, quanto para a conservação dos animais não humanos e outros seres vivos no planeta.

Tratando-se desse ponto, a habilidade EM13CNT202 (BRASIL, 2018) envolve a análise da vida em suas diferentes formas e organizações, bem como os ambientes favoráveis ao seu desenvolvimento. Aqui entra o estudo da Ecologia, e sua importância não pode ser deixada de lado.

Bezzon e Diniz (2020) buscaram os conceitos de ecossistema abordados em livros didáticos usuais do ensino médio. Em sua análise, os pesquisadores entenderam os livros didáticos usuais como uma ferramenta condicionada historicamente, sendo sujeitos a conflitos de interesses políticos, econômicos e ideológicos. Assim é qualquer produção humana, sujeitas a idiosincrasias. Sob essa ótica, entende-se a importância do desenvolvimento da autonomia do aluno, para que este possa realizar análises do material escolar, de forma a chegar a suas próprias conclusões sobre o mundo e como ele é representado nos materiais escolares.

No que tange os conceitos de ecossistema abordados e o ensino de Ecologia, os pesquisadores chegam à conclusão que nenhum dos livros didáticos analisados aborda de forma satisfatória a complexidade do conceito de ecossistema. O conhecimento, de acordo com os autores, está descontextualizado e mistificado, portanto, distante da realidade do aluno. Essa ideia reforça mais uma vez a ideia de Chassot (2003): a ciência da universidade, puramente acadêmica, é diferente da ciência ensinada nas escolas, que deve ter contextualizações e formas paralelas de se aproximar dos alunos, sem comprometer o rigor do saber científico. E, estando mistificado e repleto de palavras e conceitos a serem decorados apenas, alinha-se à ideia de Motokane (2015), que afirma que essa é uma das barreiras para o ensino de Biologia.

Entende-se novamente, portanto, a importância da contextualização do conhecimento para a compreensão do aluno, principalmente quando se trata de conceitos mais abstratos como a Ecologia. Por ser um tema abrangente que lida com ambientes maiores, talvez o aluno acabe não conseguindo visualizar sua ação

no mundo. Assim, faz-se necessário o uso de recursos capazes de visualizar a Ecologia agindo no meio ambiente: vídeos, jogos, diagramas. Martins (2011) caracterizou o acervo de jogos didáticos do Laboratório de Ensino de Ciências e Biologia da Universidade Federal de Uberlândia. Em sua análise, Martins descreveu que o uso dos jogos oferecidos pelo acervo é proveitoso para o processo de ensino-aprendizagem. Entretanto, os jogos oferecidos são, em sua grande maioria, planejados para serem utilizados apenas no encerramento da matéria. Dessa forma, os jogos são utilizados como forma de fixação e avaliação, não como um recurso de apoio durante o processo de aprendizagem.

Nesse quesito, Ardente (2010) utilizou filmes em sua sequência didática para o ensino de Ecologia. Em sua análise de filmes animados infantis, Ardente encontrou conceitos-chave de Ecologia, atrelados a uma narrativa amigável ao público-alvo. Essa narrativa, construída de forma natural ao longo do desenvolvimento do roteiro dos filmes, pode ser uma forte aliada no ensino de conceitos muitas vezes distantes; afinal, não podemos mostrar ao aluno como uma cadeia alimentar funciona na prática, pois sua ação ocorre lentamente e ao longo de um grande espaço físico.

Ardente (2010) mencionou que um dos motivos para o debate de teias alimentares e relações ecológicas no ensino fundamental é que estes conceitos dificilmente são assimilados de forma satisfatória pelos alunos, citando Hasue (2004). Este autor utilizou aulas expositivas e visitas a campo para desenvolver uma atividade relacionada a teias alimentares. Suas aulas foram planejadas de forma linear e sequencial, além de propor que os alunos dessem sugestões para a resolução de problemas reais utilizando os conceitos aprendidos.

Utilizar aulas para dar aos alunos uma maneira de resolver problemas é uma ideia vinda do ensino por investigação. Novamente, a literatura encontra-se repleta de sequências didáticas que utilizam esse método, pela sua flexibilidade e eficácia, permitindo a contextualização do conhecimento. Em Ecologia, o ensino por investigação traz consigo outra característica importante: o entendimento da importância da conservação do meio ambiente para a sobrevivência do ser humano na Terra.

Pinheiro (2019) utilizou o ensino por investigação no ensino médio de forma a não atrapalhar o currículo escolar. O pensamento de manter-se dentro do componente curricular da escola é fundamental, pois uma das desvantagens do ensino investigativo é a demanda de tempo. Em sua sequência, Pinheiro realizou cinco atividades, realizadas em aulas geminadas. Utilizando-se do ambiente escolar como laboratório, a pesquisadora percebeu o engajamento dos alunos com a atividade, evidenciando que o ensino de Ecologia não precisa ser limitado a aprender nomes e conceitos, mas que pode ser utilizado para entender o funcionamento da natureza como um todo.

A Ecologia enquanto ciência faz-se importante para o avanço das relações entre humanos e o meio ambiente. O seu ensino em escolas, além de funcionar como conscientização para a proteção do meio ambiente, também tem como função ajudar o aluno a compreender o universo que o cerca. Ao aprofundar-se nas relações ecológicas dos seres vivos, os alunos podem tirar suas próprias conclusões sobre a resolução de problemas dentro do escopo da Ecologia, baseando-se em evidências científicas e utilizando seu conhecimento próprio.

Em suas sequências didáticas, Vinturi et al. (2014) desenvolveram um trabalho interessante na Alfabetização Científica de alunos do ensino médio. Os pesquisadores desenvolveram jogos para ajudar no ensino de Ecologia. Durante seu primeiro jogo, focado em relações ecológicas, os pesquisadores desenvolveram um jogo de pega-pega que utiliza conceitos de Ecologia para funcionar. Esse jogo, além de ajudar os alunos a se exercitarem e se divertirem, os coloca dentro da realidade de um ecossistema, demonstrando a transferência de energia entre seres vivos e suas relações uns com os outros. Dessa forma, o jogo contextualiza o conhecimento para os alunos, os diverte e permite que os alunos entendam os conceitos de forma satisfatória.

A Ecologia, porém, também pode ser trabalhada de forma interdisciplinar. Sua relação mais óbvia seria com as outras ciências da natureza, Física e Química. Porém, por envolver também os espaços físicos, a Ecologia também está intimamente ligada à Geografia. Solórzano et al. (2009) relacionaram a Ecologia com Geografia e História. Em sua revisão, os pesquisadores demonstram como estudar a história dos ambientes geográficos pode nos ajudar a compreender as mudanças ecológicas daquele meio específico. Assim, a Ecologia pode também funcionar

como uma ferramenta para entender como o meio ambiente afeta o ser humano em suas decisões, e como essas decisões afetam o meio ambiente de volta. Essa relação é importante para entendermos que, ao relacionar a Ecologia com conceitos vistos em outras disciplinas, os alunos passam a entender que as ciências não existem separadas, e sim se complementam e influenciam umas às outras.

Outra relação pouco óbvia é da Ecologia com a Filosofia. Rosumek e Martins (2010) relataram, em sua introdução, o quão dividido está o conhecimento acadêmico em relação às suas áreas. Seu trabalho buscou quebrar essas divisões para que possamos enxergar o conhecimento científico de forma unida. Seu texto, de forma sucinta, apontou alguns problemas do estudo da Ecologia: sua associação quase completa (a ponto de, no senso comum, serem a mesma coisa) com a conservação de ambientes e a ambiguidade de seus conceitos. Essa ambiguidade acaba por dificultar o processo de divulgação científica, tornando-se uma ciência pouco compreendida pelo grande público. E, por ser uma ciência cujo estudo é difícil e repleto de variáveis, a Ecologia acaba por encontrar resultados por vezes conflitantes. É nesse ponto, onde os estudos entram em discussões, que o terceiro ponto da segunda competência específica da BNCC entra. É necessário entender os limites do conhecimento científico, para que os alunos tenham em mente a importância do avanço científico; pois, se ainda não sabemos, precisamos desenvolver métodos para saber.

Em suma, têm-se na Ecologia uma ciência importante para o entendimento das relações entre os seres vivos e para a relação do homem com o meio ao seu redor. É por meio da Ecologia que podemos entender nosso lugar na natureza, no universo. Dessa forma, faz-se necessário que o professor tenha a sensibilidade de entender os alunos e utilizar recursos didáticos cabíveis para que o conhecimento seja desenvolvido de forma satisfatória.

4 METODOLOGIA

A escrita do roteiro livro paradidático utilizado neste trabalho seguiu a narrativa clássica da “Jornada do Herói” proposta por Joseph Campbell. A Jornada do Herói é considerada uma narrativa simples, porém completa, presente em vários mitos e religiões do mundo. Seu desenvolvimento está intimamente ligado à experiência humana, e muitos estudos a relacionam à psicologia e à pedagogia (BRAY, 2017).

De acordo com Campbell (2007), essa jornada é dividida em três atos que se subdividem em dezessete etapas.

ATO I: PARTIDA

Etapa 1) O Chamado da Aventura: O herói, de seu mundo comum, é chamado a um mundo desconhecido;

Etapa 2) A Recusa do Chamado: O herói se mostra reticente a aceitar a sua jornada, devido a sentimentos de medo e apreensão;

Etapa 3) Ajuda Sobrenatural: O herói, após aceitar o chamado, recebe a ajuda de um mentor que o guiará no começo de sua jornada;

Etapa 4) A Travessia do Primeiro Limiar: O herói, munido da sabedoria de seu mentor, atravessa os limites do seu mundo em direção ao desconhecido de sua jornada;

Etapa 5) A Barriga da Baleia: O herói passa por perigos que iniciam sua metamorfose, separando-o do mundo de onde ele veio e de quem ele foi.

Ao longo do primeiro ato, o herói se mostra temeroso e reticente, porém mesmo assim aceita a jornada que deve seguir. É aqui que o leitor deve sentir empatia e conexão com o protagonista, pois é seu ponto de partida. Não é à toa que o ato I é chamado de Partida, o momento que o herói sai em sua jornada.

ATO II: INICIAÇÃO

Etapa 6) A Estrada de Desafios: O herói inicia uma série de testes que vão moldá-lo no herói que ele precisa ser;

Etapa 7) O Encontro com a Deusa: É um ponto onde o herói encontra um artefato que o ajudará a completar sua jornada. Esse artefato é comumente entregue por um personagem sobrenatural de grande poder;

Etapa 8) Mulher como Tentadora: O herói encara tentações de natureza física e prazerosa que podem fazê-lo duvidar de sua jornada. O título problemático dessa etapa é de difícil uso, pois mesmo o próprio Campbell admite que não são apenas mulheres que podem causar a tentação descrita nessa etapa. Especificamente neste projeto, as tentações dessa fase estarão relacionadas ao conforto e segurança do lar, mesmo que sem liberdade, de forma que o herói se desfaça de seu aprendizado em troca de uma vida confortável e vazia;

Etapa 9) A Sintonia com o Pai: O herói encontra-se com uma figura poderosa, geralmente de natureza paterna, que fará o herói passar por uma provação sem precedentes. Essa figura poderosa pode ser relacionada com a Deusa da etapa sete, às vezes sendo uma face oposta da mesma moeda;

Etapa 10) Apoteose: Esse estágio transforma o pensamento do herói. Nesse ponto o herói é munido de uma nova compreensão do mundo e é graças a essa compreensão que ele será capaz de superar o próximo estágio;

Etapa 11) A Grande Conquista: O herói alcança o fim de sua busca; todos os passos até aqui servem para prepará-lo para esse desafio. Ao fim desse desafio, o herói encontrará o objeto de desejo que ele buscava desde o começo da aventura, dando fim ao ato II.

Percebe-se, portanto, que o ato II é o clímax da jornada, o ponto onde o herói alcança seu objetivo e consegue grande poder. Devido ao fim desse objetivo, as etapas seguintes mostram um novo conflito no herói.

ATO III: RETORNO - Mostra a jornada para casa e o fim do ciclo da Jornada do Herói.

Etapa 12) A Recusa do Retorno: O herói se recusa a voltar para o seu mundo de origem pois encontrou iluminação e poder no mundo mágico. O herói não vê, entretanto, que é seu dever voltar e compartilhar com os outros os frutos de sua viagem;

Etapa 13) O Vôo Mágico: O herói precisa escapar com um objeto valioso que estava de posse dos deuses, geralmente o objeto que motivou o início de sua jornada;

Etapa 14) Resgate Interior: O herói é resgatado por seus amigos e companheiros que ele conheceu durante a jornada;

Etapa 15) Travessia do Limiar da Volta: Ao retornar ao seu mundo de origem, o herói busca jeitos de manter a iluminação e conhecimento adquirido, adaptá-lo à sua vida cotidiana e passar esse entendimento do mundo para os outros.

Etapa 16) Herói dos Dois Mundos: Ao encontrar o equilíbrio, o herói se torna plenamente confortável com o conhecimento de ambos os mundos. Assim, o herói se torna pertencente a ambos e, portanto, capaz de uni-los.

Etapa 17) Liberdade Para Viver: Aqui, o herói está liberto do medo da morte e, portanto, liberto para viver como bem entende, alcançando o ponto máximo de iluminação.

Seguindo essas etapas, que às vezes se misturam e se invertem, foi possível elaborar uma narrativa criando paralelos com a própria experiência humana. Foi por meio dessa conexão que tantos mitos ao longo da história foram mantidos e reverenciados; pois essa história, respeitando as diferenças entre o fantástico e o mundano, poderia ser a história de qualquer um de nós. E esse é o poder que a literatura tem: nos tocar de forma íntima, como nada poderia fazer igual. Usando esse poder, o uso do livro paradidático em sala de aula pode ser positivo: ensinar o conteúdo escolar, bem como trazer reflexões para o aluno. E é apoiado nisso que esse estudo elaborou uma história reflexiva e informativa.

Para a elaboração da Sequência Didática Investigativa, foram feitas adaptações na jornada acima descrita para que o roteiro estivesse alinhado com a faixa etária a qual o livro se destina, bem como a inserção de características didáticas, permitindo que o livro se tornasse um recurso que pode ser utilizado em sala de aula.

Essa sequência didática teve como base as ideias desenvolvidas por Motokane (2015), reforçando a importância do ensino de Ecologia como uma aula contextualizada, capaz de quebrar o paradigma desse tema como o aprendizado de nomes de relações ecológicas. A sequência didática também busca dar ao aluno

uma visão diferente da ciência enquanto saber, não apenas como uma matéria complicada na escola, mas como uma forma de encarar o mundo e perceber certos fatos que acontecem ao longo de nossas vidas. Assim, o aluno não precisa se tornar um cientista de fato para compreender a importância da ciência no dia a dia. Também tem como objetivo desenvolver no aluno a capacidade de pensar por si próprio e buscar fontes confiáveis para embasar opiniões. Também é aqui que a leitura do livro paradidático entra, exercitando a leitura crítica em um ambiente controlado na escola.

Também foi utilizado o pensamento de Carvalho (2013) sobre Sequência de Ensino Investigativo, que traz consigo a importância da participação do aluno ao longo do desenvolvimento das atividades. A sequência leva em consideração a transposição da ação manipulativa (a leitura do texto) para a ação intelectual (a realização das atividades). Para isso, o aluno deve ser um agente ativo no processo de aprendizagem, desenvolvendo assim a autonomia dos indivíduos. O desenvolvimento dos trabalhos em grupo reforça a importância do convívio social dos alunos e a socialização do conhecimento, permitindo que os alunos possam também exercitar sua capacidade de argumentação (CARVALHO, 2013), além de facilitar a resolução dos problemas apresentados.

5 RESULTADOS

5.1 ROTEIRO DO LIVRO PARADIDÁTICO

O livro paradidático foi dividido em quatro capítulos e um epílogo, seguindo a jornada do herói de Campbell (2007) em uma versão compacta para manter o livro em um número de páginas acessível para a leitura durante a sequência didática. Assim, a divisão de capítulos foi:

No primeiro capítulo, Sofia, uma adolescente que repetiu o primeiro ano do ensino médio, se sente mal por ter tirado notas tão baixas em Biologia. Porém, ela se sente pior ainda por ter que passar as férias com seu tio Geraldo, um professor que mora num casarão antigo de sua família. Porém, ela não esperava ser teleportada para uma floresta estranha, onde precisará se provar capaz de se relacionar com a natureza de forma harmônica para voltar para casa. Esse capítulo aborda o primeiro ato da Jornada do Herói, A Partida (CAMPBELL, 2007).

No segundo capítulo, Sofia e Yumi buscam a amizade de uma onça chamada Wanghu. Porém, Sofia tem dificuldade de aceitar que a onça precisa matar para poder sobreviver e alimentar seus filhotes. A garota então precisa perceber que ela mesma come carne de animais mortos, e que isso faz parte da natureza. Esse é o primeiro desafio de Sofia, e representa o início do ato dois, Iniciação (CAMPBELL, 2007).

O terceiro capítulo retrata um conflito entre duas matilhas, onde os líderes de cada um dos grupos têm seus motivos para lutar pelo espaço da floresta. Sofia e Yumi tentam ao máximo resolver o conflito, porém Sofia percebe que não é possível mudar a natureza e que, infelizmente, não há como as duas matilhas dividirem o mesmo espaço. Isso deixa uma impressão em Sofia de que a Natureza é violenta e cheia de “maldades”. Esse capítulo ainda faz parte da Iniciação de Campbell (2007), onde os desafios se apresentam à heroína.

No quarto capítulo, Sofia conhece Ali, um jacaré que é amigo de um pássaro-palito. Inicialmente, Sofia acha que o jacaré comeria o pássaro, mas logo descobre que eles possuem uma relação harmônica. Porém, enquanto conversava com o crocodilo, Sofia descobre que Yumi ficou refém de uma planta carnívora gigante, que promete libertar Yumi se Sofia ficar no lugar dela. A garota obedece, aceitando ser devorada para salvar a amiga. Entretanto, conversando com a planta, Sofia acaba fazendo amizade com ela, num diálogo onde ela coloca em prática o que aprendeu sobre as relações de predação. A planta então libera a garota e, após uma curta conversa, Sofia conquista seu direito de voltar para casa - dessa vez, com Yumi e um entendimento maior da relação do humano com a natureza. Esse capítulo retrata a Apoteose, o último estágio da Iniciação de Campbell (2007), bem como o início do ato 3, Retorno.

O epílogo, então, retrata uma Sofia mais madura, encontrando-se de novo com tio Geraldo no casarão antigo. Esse epílogo curto retrata o fim do Retorno, mostrando Sofia disposta a aprender mais sobre a natureza devido às experiências que teve na floresta.

5.2 LIVRO PARADIDÁTICO: SOFIA NA FLORESTA DA SABEDORIA

O conteúdo dessa história foi destinado ao ensino de Ecologia para alunos do ensino médio e, portanto, sua linguagem se aproximou dos livros infantojuvenis populares entre seu público-alvo. O tema relações ecológicas foi escolhido porque requer um pouco mais de contextualização para que seja devidamente compreendido pelos alunos. Também foi escolhido por ser um tema que possibilitará reflexões filosóficas sobre o funcionamento da vida e o papel do ser humano na natureza: não como um ser externo, mas como parte dela.

Para garantir que o livro paradidático pudesse desenvolver uma abordagem científica para os alunos, seu conteúdo envolveu um personagem fictício na faixa etária do público-alvo (o protagonista) e um parente mais velho e sábio que ajuda o personagem principal a aprender sobre as relações entre os seres vivos e desses com o meio em que vivem. Utilizando essa dinâmica, típica de uma história pautada na “Jornada do Herói”, a narrativa do livro foi construída com elementos de fantasia, para que os alunos se sintam curiosos quanto aos conceitos apresentados ali. Esses

elementos fantásticos, entretanto, foram parcamente usados, para que o livro não se distanciasse do seu foco científico. O lado fantástico do livro, então, foi utilizado apenas como elemento secundário para que a trama avançasse e o personagem principal aprendesse mais sobre os conceitos ecológicos.

O livro foi elaborado contando com 55 páginas em formato b5 e contou com 3 ilustrações ao longo do texto para que os alunos possam visualizar os conceitos de forma clara, bem como chamar sua atenção para a leitura. Os desenhos foram confeccionados especificamente para esse livro paradidático e produzidos por um ilustrador profissional (Ver Apêndice A).

5.3 SEQUÊNCIA DIDÁTICA INVESTIGATIVA

A Sequência Didática Investigativa foi elaborada com seis momentos. Nesses encontros, além do livro paradidático, poderão ser utilizadas imagens e slides criados pela turma, levando em consideração os caminhos que as discussões em sala tomarem.

O desenvolvimento da Sequência Didática Investigativa foi elaborado a partir da proposta do livro paradidático e focou na relação entre os conceitos apresentados com aqueles trabalhados nos livros didáticos e aulas expositivas, bem como reflexões sobre como a sociedade enxerga a relação entre humanos e natureza. Por ser uma Sequência Didática Investigativa, o aluno deverá utilizar outras fontes para buscar conhecimento.

Assim, o professor buscará examinar os conhecimentos prévios dos alunos em relação à Ecologia e as relações entre os seres vivos, tentará corrigir enganos e erros cometidos pelos alunos de forma positiva, e desenvolver a habilidade de formulação de ideias e senso crítico dos alunos, permitindo que sejam capazes de compreender os pensamentos de seus colegas e desenvolver os seus próprios de acordo com as novas informações.

A sequência também utiliza as ideias de Delizoicov e Angotti (1990), que definiram em seu trabalho três momentos pedagógicos da sequência didática investigativa: problematização inicial, organização do conhecimento e aplicação do conhecimento.

No primeiro momento (**problematização inicial**), o professor realizará questionamentos e indagações para que o aluno reflita sobre seus conhecimentos prévios em relação ao conteúdo abordado. Assim, o professor fará o aluno questionar seus conhecimentos anteriores e, preferencialmente, o fará perceber a necessidade de novos conhecimentos para alcançar as respostas aos questionamentos dados.

Já o segundo momento (**organização do conhecimento**), é o ponto onde o professor poderá aprofundar os pontos principais do conteúdo, utilizando as informações que os alunos já possuíam e obtiveram ao longo do momento anterior. Nesse ponto, o professor utilizará atividades para apoiar o processo de aprendizagem do aluno, bem como funcionar como avaliação.

Por fim, o terceiro momento (**aplicação do conhecimento**). De posse das informações e do aprendizado adquirido nos dois momentos anteriores, os alunos entendem os questionamentos feitos pelo professor no momento inicial, e utilizam esse conhecimento para solucionar outras questões que o professor pode apresentar em relação ao conteúdo trabalhado.

Quadro 1: Síntese das atividades apresentadas na Sequência Didática Investigativa para o ensino de Ecologia com utilização do livro paradidático “Sofia na floresta da sabedoria”.

MOMENTOS PEDAGÓGICOS	AULAS	ATIVIDADES
Problematização Inicial	Aula 1	Introdução sobre relações ecológicas, entrega do livro paradidático aos alunos e proposta de texto.
	Aula 2	Avaliação do progresso da leitura e exemplos de relações ecológicas
Organização do Conhecimento	Aula 3	Discussão sobre as relações apresentadas no livro paradidático e entrega dos textos.
	Aula 4	Aula expositiva, proposta de atividade em grupo.
Aplicação do Conhecimento	Aula 5	Entrega do material escrito, correção, checagem de fontes e discussões.
	Aula 6	Apresentação do texto final dos alunos.

Fonte: o Autor, 2022.

5.3.1 Sequência didática investigativa: relações ecológicas

Aula 1: Introdução sobre relações ecológicas e entrega do livro.

Momento pedagógico: Problematização inicial.

Duração 90 minutos/duas aulas.

Conteúdo: Ecologia, relações ecológicas.

Recursos: Livro paradidático “Sofia na floresta da sabedoria”, slides.

Objetivo: realizar levantamento de conhecimentos prévios dos alunos acerca das relações ecológicas e introduzir o livro na aula.

Desenvolvimento: A aula tem início com a discussão inicial sobre relações ecológicas. Aqui, o objetivo do professor é avaliar o conhecimento prévio dos alunos acerca das diferentes formas de relação entre os seres vivos. É importante que o professor utilize perguntas de cunho provocativo, especialmente caso os alunos apresentem uma base de conhecimento interessante logo de cara. Assim, o professor deve nivelar a discussão de acordo com cada turma. Vale destacar também a possibilidade de levantar questões de cunho filosófico e reflexivo, como “quem são os vilões da natureza”, ou “existem bichos que são bons ou maus?”, questões que aparecerão no livro a ser lido. Além disso, questionamentos como “Existem animais que se relacionam de forma positiva? E negativa?”, “As relações ocorrem entre espécies diferentes ou iguais?”, “Como essas relações impactam na natureza?” são de extremo valor, visto que podem gerar discussões interessantes. Quando as discussões tiverem dado frutos, o professor apresentará o paradidático, que deverá ser lido em duas semanas. O professor irá pedir que os alunos anotem as relações entre os animais que se encontram no livro, exemplos daquelas relações e uma curta análise de como se sentiram lendo o livro. Apesar do prazo de leitura de duas semanas, o professor deve combinar que os alunos leiam ao menos os dois primeiros capítulos até a semana seguinte.

Avaliação: A avaliação se dá de acordo com as respostas dos alunos aos questionamentos apresentados por seus colegas e pelo professor.

Aula 2: Progresso da leitura do paradidático e exemplos de relações ecológicas.

Momento pedagógico: problematização inicial.

Duração: 90 minutos/duas aulas

Conteúdo: Ecologia, relações ecológicas.

Recursos: Paradidático, slides.

Objetivo: Fazer uma avaliação do progresso da leitura do livro paradidático e iniciar as discussões em relação aos temas apresentados nos momentos iniciais do livro.

Desenvolvimento: O professor deve iniciar a aula perguntando aos alunos como está a leitura do livro e o que eles acharam da temática. A importância dessa etapa é continuar os questionamentos iniciais, dessa vez baseando-se nos acontecimentos apresentados no livro para que sejam realizadas discussões acerca da importância das relações ecológicas para a manutenção do equilíbrio natural. Também é onde o professor deve voltar com os questionamentos de cunho filosófico apresentados na aula anterior, agora que os alunos possuem uma outra perspectiva sobre a relação de predação. Aqui, o professor também deve perguntar aos alunos exemplos de relações ecológicas não apresentadas no livro até então. Em cada uma, o professor deve destrinchar o funcionamento, os participantes e quem sai “ganhando” ou “perdendo” nelas. Por fim, o professor realizará uma curta atividade utilizando imagens. Na atividade, haverá imagens de diferentes relações ecológicas acontecendo em ambientes diversos. Os alunos, em grupo, deverão explicar o que está acontecendo em cada uma das imagens, e como essas relações impactam em cada indivíduo. É importante que algumas dessas imagens contenham exemplos de relações que envolvem humanos.

Avaliação: A avaliação se dá de acordo com as respostas dos alunos aos questionamentos apresentados por seus colegas e pelo professor.

Aula 3: Discussão sobre as relações apresentadas no livro paradidático e entrega dos textos.

Momento pedagógico: Sistematização do conhecimento

Duração 90 minutos/duas aulas.

Conteúdo: Ecologia, relações ecológicas.

Recursos: Slides

Objetivo: Realizar uma discussão final sobre o livro, permitir que os alunos compartilhem ideias que anotaram em seus textos e iniciar a sistematização do conhecimento sobre relações ecológicas.

Desenvolvimento: O professor iniciará a aula pedindo que os alunos se pronunciem em relação à leitura do livro, dando a eles o espaço para falar sobre a história. Ele pedirá que os alunos tenham em mãos o texto realizado em casa, com suas ideias próprias, para que eles possam ser alterados no decorrer das discussões em sala de aula, caso haja necessidade. O professor, então, pedirá que os alunos evidenciem as partes importantes encontradas em seus textos, para que ele possa avaliar as afirmações e conclusões dos alunos, bem como corrigi-las em caso de erros conceituais e, caso haja discordâncias na sala de aula, para realização de debates. Nesse momento, é importante que o professor utilize palavras de reforço positivo ao criticar os textos dos alunos, para que eles sintam que cometer erros não é o fim do mundo. Na verdade, aproveitando-se de possíveis erros, o professor pode iniciar discussões sobre a produção científica e a busca de informações de fontes confiáveis, como artigos científicos e revistas sérias. Ao fim da aula, após um breve momento para alterações no texto original, o professor recolherá as produções dos alunos e encerrará a aula.

Avaliação: leitura dos textos entregues e análise das discussões realizadas em sala.

Aula 4: Aula expositiva e relações com o livro paradidático

Momento pedagógico: Sistematização do conhecimento

Duração 90 minutos/duas aulas.

Conteúdo: Ecologia, relações ecológicas, cadeias alimentares.

Recursos: Slides

Objetivo: Realizar uma aula que sintetize e aprofunde os conhecimentos apresentados nos textos dos alunos, adicionando os conceitos de condições e recursos ecológicos, cadeias alimentares e exemplos de relações ecológicas que envolvem humanos.

Desenvolvimento: O professor, de posse dos textos dos alunos, montará uma aula expositiva baseando-se nas conclusões e conhecimentos que os alunos apresentaram em seus textos. Para isso, ele deverá usar mais que a linguagem falada e escrita; é importante que ele apresente gráficos (e tenha certeza de que os alunos conseguem ler esses gráficos), tabelas e outras figuras. Essa aula também introduzirá conceitos valiosos na discussão, como as cadeias alimentares, condições e recursos ecológicos. Esses conceitos ajudarão o professor a munir os alunos de conhecimentos para a produção do trabalho que virá a seguir: um texto demonstrando a importância das relações ecológicas no desenvolvimento da vida no

planeta, como o contato humano alterou essas relações e como podemos nos aproximar da natureza sem criar um desequilíbrio ecológico. Esse texto deve ser produzido em grupos, para ser apresentado posteriormente. É de suma importância que o professor aponte as fontes de seus slides e das informações apresentadas por ele, como forma de exemplificar aos alunos a importância de basear a fala em dados de origem confiável. Também é interessante que o professor demonstre como realizar uma pesquisa, quais fontes são confiáveis e como encontrar essas fontes.

Avaliação: As perguntas e indagações realizadas pelos alunos ao longo da aula.

Aula 5: Entrega do material escrito, correção, checagem de fontes e discussões.

Momento pedagógico: Aplicação do conhecimento.

Duração 90 minutos/duas aulas.

Conteúdo: Ecologia, relações ecológicas.

Recursos: Slides

Objetivo: Realizar uma última análise dos textos antes das apresentações, checar fontes, relacionar textos escritos pelos alunos com o paradidático lido no início da sequência.

Desenvolvimento: Assim como na aula 4, o professor abrirá uma discussão para socializar os textos escritos pelos alunos. Os grupos devem se reunir e citar as fontes que utilizaram no desenvolvimento do trabalho, para que o professor possa checar a validade dos dados encontrados. Ao fim da checagem de fontes, o professor receberá uma cópia dos textos e pedirá que cada grupo explique como o texto e as informações apresentadas ali se relacionam com o paradidático que foi lido no início das aulas. Essas exposições ajudarão o professor a medir o quanto os alunos entenderam do livro, bem como a habilidade de relacionar conhecimentos científicos com os acontecimentos lúdicos do texto. Por fim, o professor irá pedir que os alunos produzam um slide baseado no texto escrito e no paradidático, para ser apresentado na aula seguinte. Também para ser entregue na aula seguinte, o professor utilizará novamente uma atividade com imagens. A atividade possuirá imagens de diferentes relações, bem como seu “saldo final”, se alguém sai ganhando ou perdendo (ex: protocooperação: +/+; predação: +/-). Em cada uma delas, os alunos devem pensar em uma relação ecológica com o mesmo “saldo final”, utilizando ao menos um dos animais apontados. Esses exemplos serão mostrados junto aos slides na aula seguinte.

Avaliação: Checagem das fontes utilizadas pelos alunos, análise da habilidade dos alunos de relacionar os textos científicos com o paradidático.

Aula 6: Apresentação final.

Momento pedagógico: Aplicação do conhecimento.

Duração 90 minutos/duas aulas.

Conteúdo: Ecologia, relações ecológicas.

Recursos: Slides

Objetivo: Analisar as apresentações dos grupos, de forma a avaliar os conhecimentos desenvolvidos ao longo das aulas.

Desenvolvimento: Nessa última aula, os alunos apresentarão suas ideias sobre o texto por eles escrito e o livro, relacionando-os. As apresentações dos trabalhos ficam à critério dos alunos: se apenas um fará a apresentação, se o grupo inteiro dividirá a fala ou se apenas alguns integrantes apresentam. Dessa forma, os alunos terão autonomia para se organizar e preparar sua apresentação.

Cada grupo, após sua fala, deverá abrir um pequeno espaço para perguntas, tanto do professor quanto dos outros alunos. Nesse momento, tanto os alunos que apresentaram quanto os que não falaram na apresentação podem responder aos questionamentos e indagações. É preferível que o professor, tendo lido o texto de cada grupo, tenha em mente questionamentos e críticas sugestivas quanto ao levantamento de dados dos alunos e suas habilidades de relacionar o conhecimento, mantendo sempre a linguagem positiva que reforce a importância do erro na produção científica.

Avaliação: Análise das apresentações em grupo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta de Sequência Didática Investigativa desenvolvida aqui poderá ajudar a expandir a compreensão do aluno do papel do ser humano na natureza, utilizando o livro paradidático produzido como forma de aproximar o estudante do conteúdo, contextualizando o conhecimento. A sequência didática dividida nos momentos pedagógicos entende o processo de aprendizagem não apenas como uma forma de ensinar ao aluno conceitos científicos, mas também como uma forma de transformar o mundo do estudante. Assim, além da Ecologia e das relações ecológicas, o professor deve buscar também despertar nos alunos a faísca da curiosidade e o entendimento da ciência enquanto forma de pensar, para que eles estejam munidos de ferramentas para enxergar o mundo de forma mais clara. O livro paradidático também tem o mesmo objetivo, dando ao estudante uma atividade de leitura simples, porém que o faz refletir sobre o que está lendo, buscando incentivar o senso crítico e a análise da leitura. Portanto, o trabalho conjunto da sequência didática com o paradidático traz ao estudante a oportunidade de crescer tanto como cidadão crítico, quanto como leitor e aluno.

REFERÊNCIAS

- ARDENTE, N. C. **A utilização dos filmes de animação “Procurando o Nemo”, “Os Sem Floresta” e “Vida de Inseto” como recursos didáticos no ensino de ecologia.** 2010. Monografia (Licenciatura em ciências biológicas) - Departamento de Ensino de Ciências e Biologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2010.
- ARRUDA, A. M. **Elaboração de um material paradidático para discutir o conteúdo de polímeros no Ensino Médio: em foco a interdisciplinaridade e a contextualização no Ensino de Química.** 2020. 106 f. Dissertação (Mestrado em Química) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa. 2020.
- BARROW, L. A Brief History of Inquiry: From Dewey to Standards. **Journal of Science Teacher Education**, New York, v. 17. p. 265-278, 2006.
- BEZZON, R. Z.; DINIZ, R. E. S. O conceito de ecossistema em livros didáticos de biologia do ensino médio: abordagem e possíveis implicações. **Educação em Revista**, Belo Horizonte v. 36, 2020.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília: MEC, 2018.
- BRAY, P. The Hero-Journey, Hamlet and Positive Psychological Transformation. **Journal of Humanistic Psychology**, Beverly Hills, v. 58, n. 5, p. 525-555.
- BRUNER, Jerome. The Act of Discovery. **Harvard Educational Review**, Cambridge, v. 31, n. 1, p.21-32, 1961.
- CAMPBELL, J. **O Herói de Mil Faces.** Cultrix/Pensamento. São Paulo, 2007.
- CARVALHO, A. M. P. O ensino de Ciências e a proposição de sequências de ensino investigativas. In: CARVALHO, A. M. P. (org.). **Ensino de Ciências por investigação: Condições para implementação em sala de aula.** São Paulo: Cengage Learning, 2013.
- CARVALHO, J. L. **O uso de histórias em quadrinhos/texto ilustrado como material paradidático no ensino de biologia celular e genética.** 2019. Dissertação (mestrado profissional) - Instituto de Biologia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2019.

CHASSOT, A. Alfabetização científica: uma possibilidade para a inclusão social.

Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, v. 8, n. 22, p. 89-100, 2003.

Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/BUBD-9FZJ7H>. Acesso em: 30 maio 2021.

DELIZOICOV, D.; ANGOTTI, J. A. **Física**. São Paulo: Cortez, 1990.

HASUE, F. M.; UIEDA, V.S.; CAMPOS, L. M. L. **Trama Alimentar em Riachos**: Uma Abordagem Voltada ao Ensino Fundamental. Monografia (Licenciatura em Ciências Biológicas) - Departamento de Educação do Instituto de Ciências, Universidade Estadual Paulista, Botucatu. São Paulo, 2004.

HAWKING, L.; HAWKING, S. **George e o segredo do universo**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.

JESUS, F. O Negro no Livro Paradidático: Analisando o Livro “Capoeira”.

Horizontes, Itatiba - São Paulo, v. 33, n. 1, 2015.

LAGUNA, A. G. J. A contribuição do livro paradidático na formação do aluno-leitor.

Revista Acadêmica, São Paulo, n. 2, p. 43-52, 2012.

LOPES, D. E. L.; MACIEL, M. A. P. M. O uso do livro paradidático para a contextualização dos conteúdos na disciplina de biologia evolutiva no curso de ciências biológicas. In: FREITAS, R. M. **Ciências Biológicas**: campo promissor em pesquisa, v. 2. Ponta Grossa - PR: Atena Editora, 2019.

MAGALHÃES, P. P.; OLIVEIRA, R. C.; PONCE, DANIELA; ZULIANI, S. R.

QUIJADAS, A. Bioquímica e Função Renal: Utilizações de Sequências Didáticas com Enfoque Investigativo para Reaproximação de Conceitos Específicos. **Revista Brasileira de Educação Médica**. Brasília, v. 43. n.1. p, 404-413. 2019.

MARTINS, G. A.; NOGUEIRA-FERREIRA, F. H.; OLIVEIRA, R. C. **O jogo didático como ferramenta no ensino de ecologia**. In: CONGRESSO DE ECOLOGIA DO BRASIL, 10., 2011. São Lourenço – MG. **Anais** [...]. São Lourenço: Sociedade de Ecologia do Brasil, 2011.

MENEZES, E. T. Verbete paradidáticos. **Dicionário Interativo da Educação Brasileira - Educa Brasil**. São Paulo: Midiamix Editora, 2001. Disponível em <https://www.educabrasil.com.br/paradidaticos>. Acesso em: 01 maio 2022.

MOTOKANE, M. T. Sequências didáticas investigativas e argumentação no ensino de ecologia. **Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências**, Belo Horizonte, v. 17, 2015

OLIVEIRA, L. G. **Utilização de um Livro Paradidático como ferramenta pedagógica no desenvolvimento do ensino por investigação**: proposta de uma sequência didática para o ensino de Genética no 9º ano do Ensino Fundamental.

2012. Monografia (Especialização em Ensino de Ciências por Investigação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

PETRENAS, R. C.; GONINI, F. A. C.; MOKWA, V. M. N.; RIBEIRO, P. R. M. Era uma vez um Menino e uma Menina...: Representações de Gênero através de Livros Paradidáticos nos Anos Iniciais no Ensino Fundamental. **Revista Ártemis – Estudos de Gênero, Feminismos e Sexualidades**, João Pessoa, v. 17, n. 1, 2014.

PINHEIRO, A. L. **Ensino de ecologia no ensino médio através de atividades investigativas**. 2019. 41 f., Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de Biologia). Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

PINTO, A. G. **Uma proposta de livro paradidático como motivação para o ensino de matemática**. 2013. Dissertação (Programa de Pós-graduação em Matemática em Rede Nacional) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

RADINO, G.; OLIVEIRA, M. L. Os contos de fadas na alfabetização. **Temas em Educação e Saúde**, Araraquara, v. 5, 2017.

RODRIGUES, R. M. Paradidático e educação: uma conversa informal. **Comunicação & Educação**, São Paulo, v. 7, p. 79-84, 1996.

ROSA, S. **O menino Nito**: então homem chora ou não? Rio de Janeiro: Pallas, 2008.

ROSUMEK, F. B.; MARTINS, R. P. Ecologia, Filosofia e Conservação. **Natureza & Conservação**, Curitiba, v. 8, p. 87-89, 2010.

SAGAN, C. Why We need to Understand. **Science**, Washington, v. 14, n. 3, 1990.

SANTOS, J. P. J.P.; LIMA, G. H.; MATIAS, K. T. G.; LIMA, K. E. C. Os paradidáticos no ensino contextualizado das Ciências Naturais e da Biologia. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 10., 2015. Águas de Lindóia – SP. **Anais [...]**. Águas de Lindóia: ENPEC, 2015

SASSERON, L. H.; CARVALHO, A. M. P. Alfabetização científica: uma revisão bibliográfica. **Revista Investigações em Ensino de Ciências**, Porto Alegre, v. 16, n. 1, 2011.

SCHWAB, J. Inquiry, the Science Teacher, and the Educator. **The School Review**, Chicago, v. 68, n. 2, p. 176–195, 1960.

SILVA, M. C. "Radicais e Prefixos gregos": **Brasil Escola**. [S. l.: s. n.], 20--?.

Disponível em:

<https://brasilecola.uol.com.br/gramatica/radicais-prefixos-gregos.htm>. Acesso em: 01 maio 2022.

SOLINO, A. P.; FERRAZ, A. T.; SASSERON, L. Ensino por investigação como abordagem didática: desenvolvimento de práticas científicas escolares. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE ENSINO DE FÍSICA, 21., 2015. Uberlândia. **Anais [...]**, Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2015.

SOLÓRZANO, A.; OLIVEIRA, R. R.; GUEDES-BRUNI, R. R. Geografia, história e ecologia: criando pontes para a interpretação da paisagem. **Ambiente & Sociedade**, São Paulo, v. 12, n. 1, pp. 49-66, 2009.

SOUZA, A. R. O livro paradidático no ensino de Física: uma análise fabular, científica e metafórica da obra Alice no País do Quantum: A Física Quântica ao alcance de todos. **Caderno Brasileiro de Ensino de Física**, Florianópolis, v. 33, n. 3, p.1145-1160, 2016.

SOUZA, L. H. P.; ABRAHÃO, A. M. C.; LOSADA, T. Paradidáticos: uma proposta interdisciplinar. *In*: CONGRESSO IBERO-AMERICANO DE DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA Y DE NÍVEL SUPERIOR, 8., 2014. Rosário – Argentina. **Anais [...]**. Rosário: Associação Ibero-americana de Didáctica Universitária, 2014.

TEIXEIRA, F. M. Alfabetização científica: questões para reflexão. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 19, n. 4, p. 795-809, 2013.

VINTURI, E. F.; VECCHI, R. O.; IGLESIAS, A.; GHILARDI-LOPES; N. P. Sequências didáticas para a promoção da alfabetização científica: relato de experiência com alunos do ensino médio. **Revista Experiências em Ensino de Ciências**, Cuiabá, v. 9, n. 3, p. 11, 2014.

ZAMBONI, E. **Que história é essa?**: uma proposta analítica dos livros paradidáticos de História. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas - SP, 1991.

ZIMMER, C. **O Livro de Ouro da Evolução**: o Triunfo de uma Idéia. 2. ed. São Paulo: Ediouro, 2003.

APÊNDICE A – LIVRO PARADIDÁTICO

Universidade Federal de Pernambuco
Centro Acadêmico de Vitória
Núcleo de Ciências Biológicas

Livro Paradidático: Sofia na floresta da sabedoria

Heitor Ayres Belo França

Vitória de Santo Antão-PE
2022



Sofia não estava nada feliz por passar o verão na casa do tio Geraldo.

Ela estava encostada na janela do carro de seus pais, vendo a mata passar ao longo da estrada. Sua cara emburrada não escondia o descontentamento, que era conhecido pelos pais da menina.

— Sofia... Você sabe que precisa estudar. O tio Geraldo vai te ajudar a resolver qualquer dúvida do ano passado. — A mãe de Sofia tentava ser amável, apesar de não poder encarar a filha para não se distrair da estrada.

Do banco do carona, o pai de Sofia virou-se para olhá-la.

— Filha, você sabe que a gente te apoia em tudo. Mas você pisou na bola, e precisa tirar esse tempo pra rever seus erros.

— Eu sei, pai. — Ela virou-se zangada para ele. - Mas eu repetir de ano não devia ser motivo pra eu perder as férias. Eu queria sair com meus amigos, relaxar. Como vocês acham que passar um mês na casa do tio Geraldo no meio do nada vai me ajudar a aprender alguma coisa?

— Meu bem, você sabe que o tio Geraldo é um ótimo professor. E de biologia, que você precisa focar. Vocês vão se divertir bastante. Ele não é como qualquer professor. — A mãe respondeu, dessa vez tirando os olhos rapidamente da estrada para dar uma olhada na filha pelo retrovisor.

— Tá bom... — Sofia resmungou e voltou a olhar pela janela, sabendo que aquela discussão era inútil.

Ela sabia bem que precisava estudar. Desde que a reprovaram na escola, ela passa os dias se sentindo inútil e burra. Não importa se estava com os amigos, ajudando na casa ou assistindo TV, ela sempre sentia como se tivesse uma marca eterna em sua história: “Repetente”, e que isso a definiria pelo resto da vida.

A mãe de Sofia suspirou. O pai tentou dar um sorriso encorajador para a filha, sem sucesso.

Após cerca de duas horas de viagem, o trio chegou na casa de tio Geraldo, uma casa de primeiro andar situada no interior do estado. Aquela casa era dos pais dele e da mãe de Sofia, e Geraldo cuidava dela como se fizesse parte da família.

Tio Geraldo estava no jardim regando sua pequena horta. Ao ver o carro estacionando, ele abriu um sorriso e caminhou na direção do portão.

— Sofia, Amélia e Hugo! Quanto tempo não os vejo.

Os pais de Sofia saíram do carro. Já a garota encarou a sua mala no banco ao lado e suspirou, sem vontade de levantar-se.

— Muito tempo! — A mãe de Sofia abraçou o irmão enquanto falava. O pai se contentou com um aperto de mão e uma batida no ombro.

— E como está Sofia? — Geraldo olhou para dentro do carro a tempo de ver a sobrinha abrir a porta e sair com sua mala violeta.

— Eu tô bem, tio. — Sofia resmungou. Geraldo tocou o ombro dela e sorriu.

— Eu entendo que não queria estar aqui. Mas se você abrir o coração, eu garanto que vai se divertir.

— Eu vou tentar. — Sofia respondeu sem ânimo.

— É só o que peço. — Geraldo fez um gesto para que o trio entrasse na casa.

— A casa está mais elegante do que de costume! — A mãe de Sofia sorriu para um dos quadros na parede. Havia vários, com imagens de animais e plantas. — Você realmente leva o trabalho a sério, não é?

— É uma paixão, o que posso dizer? — Ele sorriu para a irmã, depois virou-se para a sobrinha. — Sofia, você gosta de ecologia?

— Não muito. — Sofia encarou um dos quadros, especificamente um onde um leão corria atrás de uma gazela. — Como você pode ser apaixonado por isso?

— Como assim? — Geraldo franziu o cenho, confuso.

— O leão vai comer a gazela. Não sente pena dela? — Amélia tirou os olhos do quadro e olhou para o tio. — Por que alguém acharia isso bonito?

A expressão de Geraldo foi de confusão para um sorriso de entendimento.

— Ah, nós vamos conversar muito sobre isso. Pode ter certeza. Espero que você saia daqui entendendo a importância do leão e da gazela nessa relação.

Amélia emburrou a cara e caminhou para a escada. Sabia bem onde dormiria, já que estivera lá algumas vezes quando era mais nova.

Sofia entrou em seu quarto, o quarto no qual dormiria pelo próximo mês, e respirou fundo. Era um piso de madeira claro, com um bonito tapete azul no centro. Havia exatamente três móveis: a cama no lado direito, uma escrivaninha com alguns livros, cadernos e canetas virada para a janela, e um guarda-roupas de madeira. Ela colocou a mala perto do guarda-roupas e começou arrumar seu novo quarto.

Não demorou muito para que Sofia se sentisse em casa. Seus pais resolveram ficar alguns dias para colocar as conversas com tio Geraldo em dia, mas logo chegou a hora da garota ficar sozinha.

— Se comporte, meu bem. — A mãe de Sofia abraçou a filha na frente do portão.

— Pode deixar, mãe. — Sofia retribuiu o abraço. Ela costumava passar algum tempo longe de casa, visitando amigos. Mas essa despedida parecia mais melancólica, por saber que ela estava ali para estudar, não para relaxar como ela queria.

— Qualquer coisa nos ligue — O pai da garota a abraçou em seguida. Logo eles estavam dentro do carro, partindo de volta para casa.

— Vamos começar nossas aulas? — Geraldo sorriu para Sofia, que não conseguiu esconder o descontentamento.

— O senhor realmente vai passar as férias me dando aulas? — Sofia suspirou. — Eu só queria um pouco de paz.

— acredite, não são aulas como as que você conhece. Vamos, entre. Vamos discutir primeiro a relação de predação, que você viu quando chegou.

Sofia respirou fundo e acompanhou o tio para dentro de casa.

— O exemplo da gazela e do leão é só uma de várias formas de predação. Você consegue pensar em mais um? — Geraldo apontou para o quadro em sua sala.

— Hm... Uma raposa e uma galinha? — Sofia respondeu sem animação enquanto se sentava no sofá.

— É um exemplo, sim. Mas por que se ater a exemplos com animais grandes? — Geraldo sorriu e ficou de frente para a sobrinha — Quando um macaco come um inseto, essa seria uma relação de predação?

— Acho que sim, né. — Sofia ergueu uma sobrancelha. — É um animal comendo o outro.

— Então a predação só ocorre entre animais?

Sofia refletiu por um segundo.

— Eu... Eu acho que sim.

— Ora, e animais que comem plantas? Eles não estão se alimentando de um organismo vivo? Eles não seriam predadores? — Geraldo sorriu ainda mais, como uma criança que fala sobre um desenho que fez na escola.

— É... Acho que sim. — Sofia franziu o rosto. Não era uma aula como ela esperava.

— Então pode me dar um exemplo de predação que não envolva animais ou plantas?

Sofia pensou por um momento. O olhar de Geraldo era de expectativa.

— Acho que... Um parasita? Daqueles que a gente pega quando comemos porco malpassado? — Sofia se ajeitou no sofá para pensar melhor.

— Bom, os parasitas são animais. E essa é uma relação diferente, o parasitismo. Mas você está no caminho certo; que outros seres vivos existem além de animais e plantas?

Sofia sorriu e lembrou-se de uma conversa com os amigos sobre se os vírus eram vivos ou não, e fez algumas pesquisas rápidas na internet pra saber detalhes sobre seres microscópicos.

— Existem bactérias predadoras, certo? Elas se alimentam de outras bactérias e de alguns vírus.

— Exatamente! — Geraldo se sentou ao lado dela. — Viu? Você sabe das coisas. Espero que você saia daqui sabendo mais ainda.

Sofia se viu sorrindo. Talvez ela não fosse tão burra assim.

Os dias passaram rapidamente. As aulas com tio Geraldo ficavam cada vez mais interessantes. Ele era diferente; era quase como se ele a ajudasse a pensar sozinha, não só imprimir ideias na cabeça dela.

A tranquilidade daqueles dias, entretanto, foi interrompida por um barulho estranho durante a noite.

Fazia cerca de duas semanas desde que ela chegara, quando ela ouviu um barulho alto o suficiente para acordá-la, mas baixo o suficiente para ela questionar se o teria imaginado.

— Tio? — Ela abriu a porta para o corredor, confusa. Ela não havia explorado a casa tanto assim; sabia que no corredor do quarto dela havia um banheiro, outro quarto de hóspedes e a pequena biblioteca de tio Geraldo.

E esse barulho vinha exatamente da biblioteca.

Sofia andou curiosa na direção da porta, de onde ela pôde ouvir o barulho novamente. Parecia ser uma batida rápida, porém barulhenta.

— Tio Geraldo? O senhor tá estudando a essa hora? — Ela abriu a porta da biblioteca e, para sua surpresa, encontrou um clarão de luz.

Ao abrir os olhos, porém, ela não se viu mais na casa de tio Geraldo. Ao seu redor, ela viu uma mata fechada de plantas altas e verdes. O chão era repleto de graminhas e galhos caídos, bem como grandes raízes das árvores ao redor.

— Que... Tio Geraldo? — A voz de Sofia saiu fraca, as palavras presas na garganta pelo susto.

— Ué? — Sofia ouviu uma voz atrás de si. Ela se virou, nervosa, e deu de cara com um gato branco no chão da mata.

— Quem está aí? — Ela elevou a voz. — Onde eu estou?

— Em Arven, oras. — Sofia sentiu o coração bater mais forte ao perceber que, na verdade, as palavras vinham da gata à sua frente. — O que uma humana está fazendo aqui? Você é aprendiz do Ged?

— De... Quem? — As pernas de Sofia fraquejaram e ela caiu sentada no chão, nervosa.

— O outro humano que aparece por aqui. — A gata andou na direção dela. — Meu nome é Yumi. Imagino que, se você teve essa reação de confusão, chegou aqui por engano.

— Eu quero voltar pra casa. — Sofia encarava a gata, os olhos fixos na boca felina que se mexia como se fosse uma boca humana. — Como eu volto pra casa?

— Bom... Primeiro você precisa de permissão do Pai Céu. E ele não costuma dar favores a qualquer um.

— Quem?

— Pai Céu. Ele é o líder daqui. Ele cuida das coisas e resolve problemas. E não gosta muito de humanos. Você vai precisar se provar pra ele caso queira voltar pra casa.

— Se ele não gosta de humanos, como ele pode me querer aqui no domínio dele? — Sofia franziu o cenho, confusa. — Ele não pode só me mandar pra casa?

— A questão é que ele não se importa o suficiente pra se incomodar de criar uma permissão escrita. — A gata chegou mais perto da jovem. — Acho que precisamos caminhar até a casa do Ged. Levanta! Não é muito longe.

Sofia se levantou com dificuldade. A gata andou em meio à floresta e a jovem a seguiu.

Passado o choque inicial, Sofia conseguiu olhar ao redor enquanto caminhava pela mata. Começou a perceber os sons dos pássaros e o vento passando pelas árvores, balançando as folhas.

— Esse lugar é lindo, Yumi. — Sofia disse, impressionada. — O que exatamente é esse lugar?

— É algo como um mundo paralelo. — A gata continuou caminhando como se não fosse nada. — Talvez você devesse parar de se distrair. Pode ser que passe uma cobra e te ataque.

— E por que uma cobra atacaria a mim e não a você? Você me parece mais fácil de engolir que eu.

A gata virou o rosto para Sofia e um brilho amarelado cobriu o corpo felino. Yumi levitou e continuou o caminho, dessa vez por ar.

— Ei! — Sofia deu passos largos para chegar mais perto da gata. — Por que você não faz isso sempre? Me ensina a fazer!

— Eu gosto de esticar as pernas de vez em quando. — Yumi se virou para Sofia com um olhar brincalhão — Quanto a te ensinar, eu posso tentar te passar umas dicas pra...

— Eu temo, Yumi — Uma voz vinda de mais à frente no caminho das duas interrompeu a frase. — Que ela não está aqui para aprender a levitar.

Sofia tomou um susto e pulou para trás. Olhando para a fonte da voz, percebeu que era um homem barrigudo, de cabelos grisalhos. Usava um robe azul que a garota achou ridículo, e carregava um bastão de madeira fino. Na verdade, ele parecia bastante com...

— Tio Geraldo? — Sofia franziu o cenho. Havia algumas diferenças, mas definitivamente era ele.

— Não sou seu tio, menina. — O homem se aproximou. — Me chamo Ged, e sou um mago. E você é uma humana, e não deveria estar aqui.

— Não, não deveria. — Yumi concordou. — Por isso eu estava levando-a até você. Precisa dar um jeito de mandá-la de volta.

— E eu posso fazer isso, se ela se apresentar. Qual seu nome, senhorita?

— Sofia. — Ela estendeu a mão. Ged a apertou com uma mão firme e forte.

— Sofia. Espero que seja tão sábia quanto seu nome indica. — O mago soltou a mão da menina. — Não posso enviá-la imediatamente. Infelizmente, preciso da permissão do Pai Céu para permitir que humanos transitem de Arven para o Mundo Comum.

— Esse cara não pode simplesmente dizer pra você me mandar para casa? — Sofia franziu o rosto novamente. Pensou instantaneamente que ficaria com rugas até voltar para casa.

— Infelizmente não é assim que funciona. O Pai Céu é um líder, e deve seguir as regras que ele mesmo criou. — Ged tocou o ombro de Sofia. — Você precisa passar por três testes para ganhar o favor dele. Só assim provará que é capaz de transitar entre os mundos.

— E que três testes são esses? — Sofia cruzou os braços, impaciente.

— Conquistar a confiança de três criaturas não humanas. — Ged sorriu. — Uma está ao nosso lado, e suponho que Yumi não se importaria de acompanhá-la, se eu prometer uma boa peixada quando voltar.

— De forma alguma. — Yumi voou até o ombro de Ged, alegre. — Com salmão, por favor.

— Espera. Como assim criaturas não humanas? Tem outros animais falantes como a Yumi?

— Sim. — Ged fazia carinho na gata enquanto falava. — Não só animais. Plantas também podem ter consciência e fala. O Pai Céu valoriza a boa convivência, e é importante que você prove que você é capaz dela.

— Tá... — Sofia suspirou. — Onde eu encontro outra criatura?

— Cuidado. — A expressão de Ged ficou séria. — Não será fácil. Muitas das criaturas aqui podem tentar transformar você em almoço. É preciso cautela ao andar por essas matas.

— Mas se eles falam, porque eles tentariam me comer? Eles são do mal? — Sofia engoliu em seco ao pensar em se tornar comida de animal.

— Nada na natureza é do mal, Sofia. — Ged pegou Yumi na mão e colocou no ombro da menina. — Mas quase tudo tem fome. Nós somos só animais numa cadeia alimentar, em busca de sobreviver. Como um rato fugindo de um gato. Lutamos por nossa sobrevivência, sem fazer julgamentos de valor.

— Isso tudo é pra dizer que eu não posso ter raiva do que tentar me comer? — Sofia ergueu uma sobrancelha, cética.

— Isso é pra dizer que, talvez, você precise parar de achar que comer é uma ação isolada, mas sim uma etapa de um processo maior. — O mago sorriu. — E, principalmente, pra dizer que um predador não é mal. Ele só segue sua natureza.

— Tá. — Sofia fez carinho em Yumi. — Vou pensar nisso. Pra onde eu vou?

— Ah, essa é a melhor parte. — Yumi respondeu. — Você decide. Podemos ir para o Rio Ojucipa, ou para as Serras Siberianas, ou para o Deserto Azul...

— Calma, Yumi. — Ged sorriu. — Você pode começar aqui mesmo, Sofia. Nessas matas há bastante vida. Tenho certeza de que vocês vão encontrar alguém com quem conversar. Vão! E, como presente...

O mago bateu o cajado no chão e, com uma luz amarela, surgiu uma mochila de viagem repleta de utensílios úteis.

— Isso ajuda bastante. — Sofia pegou a mochila da mão do senhor. — Obrigado, senhor Ged.

— Só Ged basta. — Ele sorriu. — Somos iguais. Desejo-lhes sorte, Sofia e Yumi.

E, com um balançar do cajado, o homem de robes estranhos desapareceu, deixando para trás uma Sofia nervosa e uma Yumi com fome.

Capítulo 2



Após caminhar por horas na mata fechada, Sofia estava exausta. Seu pijama estava rasgado e sujo de terra, folhas e suor. Yumi flutuava ao redor da menina, preocupada.

— Talvez a gente devesse parar. — A gata disse — Você está de chinelos. Seus pés devem estar te matando.

— E estão. Mas eu quero sair daqui o mais rápido possível. — A cada passo dado, Sofia fazia uma careta de dor. Seus pés estavam doloridos, bem como suas pernas. Fazia muito tempo que ela não precisava andar tanto.

— Se você se machucar, vai demorar mais ainda pra voltar pra casa. — Yumi parou na frente da garota. — Abra sua mochila. Vamos fazer uma pausa!

— Tá, tá. — Sofia olhou ao redor e viu uma raiz particularmente grande, onde se sentou para olhar o que tinha na mochila.

Sua surpresa foi grande ao perceber que dentro dela havia vários mantimentos, bem como roupas específicas para uma situação como aquela: botas, calças grossas, camiseta e um chapéu de aba longa.

— A gente devia ter parado há muito tempo. — Yumi pousou e deitou-se ao lado de Sofia.

— Sim. Será que as roupas servem?

— Claro. O Ged que conjurou. Vão ser perfeitas pra você.

E, após se vestir, Sofia viu que Yumi estava certa. Ela se sentiu pronta para continuar andando só de colocar as roupas. A dupla descansou até perceber que o sol já estava se pondo.

— Quanto tempo eu passei aqui? Meu tio vai ficar preocupado... — Sofia suspirou.

— O tempo passa diferente aqui. Provavelmente só se passaram poucos minutos no Mundo Comum.

— Ainda bem. — Sofia abriu a mochila novamente. — Será que temos um fósforo pra acender uma fogueira?

— Ah, relaxa! Eu cuido disso. Só busca alguns galhos secos.

Sofia obedeceu. Colheu alguns galhos e os ordenou entre as raízes grandes. Yumi pousou ao lado dos galhos e, com um passe de mágica, a fogueira se acendeu.

— Você realmente precisa me ensinar a fazer isso. — Sofia fez um carinho em Yumi. A gata ronronou e deitou-se perto da fogueira.

Sofia pegou o saco de dormir na mochila e olhou para cima em busca de nuvens. Não havia barraca, então se chovesse elas teriam um grande problema. Porém, o céu laranja estava limpo enquanto o sol baixava. Ela comeu algumas frutas que estavam guardadas no fundo da mochila e sentiu que deveria descansar. Estava exausta.

Sofia enfiou-se dentro do saco de dormir e deixou-se levar para o mundo dos sonhos.

Seu sono, entretanto, foi curto.

Ela acordou no meio da noite com um barulho alto de passos e galhos quebrando. Ela levantou-se num pulo e Yumi flutuou ao seu lado.

— A gente devia ver o que é! — Yumi disse. Além da luz da fogueira, Sofia não via nada na escuridão da floresta.

— Tá louca? Eu não consigo ver nada! E pode ser um dos predadores que o Ged falou!

— Eu ilumino pra você. É obrigação sua fazer amizade com as criaturas daqui, e tem pelo menos uma naquela direção. Vamos!

A gata emitiu um brilho amarelado forte, que fez Sofia cobrir os olhos com o braço. Após se acostumar com a luz, ela seguiu a gata pela mata.

Após alguns segundos de caminhada, chegaram numa clareira, onde uma onça tinha um veado encurralado contra uma pedra grande. O bichinho tremia enquanto a onça se aproximava lentamente. Yumi parou de brilhar, pois a luz da lua iluminava a clareira toda.

— A gente precisa ajudar ele! — Sofia sussurrou para Yumi.

— Ajudar? — Yumi olhou para Sofia. — Aquela onça precisa comer também.

— E não precisa ser aquele veado! — Sofia pegou uma pedra que achou no chão e arremessou do outro lado da clareira.

A onça olhou diretamente para a fonte do som. O veado, vendo sua oportunidade, fugiu para o outro lado da clareira, entrando na floresta.

A onça, ao perceber que a presa se fora, saiu de posição de ataque e ficou ereta. Após alguns poucos segundos, três pequenas criaturinhas se juntaram a ela na clareira.

Eram três filhotes de onça. Eram pequeninos e pareciam até gatos adultos. Entretanto, estavam um pouco magros e andavam devagar.

— Ela... Ela queria alimentar os filhotes? — Sofia olhava os pequenos animais. Eram fofos e pareciam com muita fome.

— Claramente. — A resposta que Sofia esperava de Yumi, na verdade veio da onça. Sofia sentiu o coração palpitar mais forte e seu estômago afundou.

— Ah... Eu...

— Não se preocupe. — A onça olhava diretamente para o esconderijo da garota. — Eu não vou ter fazer mal. Eu deveria, mas não vou. Essa gata que tem com você é amiga do Ged, e não faço mal a ninguém associado a ele.

— O...Obrigada. — Sofia se levantou dos arbustos para olhar melhor a onça. Olhando mais de perto, ela percebeu que ela também era muito magra.

— Mas eu agradeceria se não interferisse mais na minha caça. — A onça olhou para os filhotes que formaram um pequeno triângulo ao redor da mãe. — Era a primeira vez em algum tempo que eu ia dar uma refeição decente para essas crianças.

A garota ficou sem palavras. Quanto mais ela olhava para a família de felinos, mais seu coração afundava.

— Eu... Me desculpa. Eu só não queria que você fizesse mal para aquele bichinho... — Sofia desviou o olhar da onça.

— Vocês humanos são assim mesmo. Interferem onde não são chamados e causam destruição tentando empurrar em nós o que vocês acham bom ou ruim. — A onça deu as

costas para Sofia e andou para o outro lado da clareira. — É por isso que o Pai Céu não gosta de vocês.

— Espera! — A jovem andou na direção da clareira. — O que eu posso fazer pra te ajudar? Eu... Eu não queria deixar vocês com fome.

A onça virou-se novamente para ela, com olhar cansado.

— Você não precisa fazer nada pra ajudar. Não interferindo você faz mais do que poderia imaginar.

— Mas...

— Então eu vou dizer o que você pode fazer para me ajudar. — A onça aproximou-se de Sofia. A garota teve vontade de correr, mas não o fez.

— Certo. Qualquer coisa.

— Amanhã à noite, eu e minhas crias vamos voltar para essa clareira. Quero que você observe o que vai acontecer aqui.

Sofia engoliu em seco, com medo do que aquela criatura a mostraria.

— Não se preocupe. Você não vai se machucar, eu prometo. — A onça virou-se uma última vez. — A vejo amanhã, humana.

A onça foi embora, seguida por suas crias. Sofia suspirou e virou-se para voltar pro acampamento.

— O que vamos fazer? — Yumi perguntou quando Sofia voltou ao arbusto onde se escondeu da onça. — Você vai voltar amanhã mesmo?

— Vou, sim. Eu ajudei aquele veado, mas sinto que fiz uma coisa ruim. Não quero ficar com peso na consciência.

— Ta bem. — Yumi voltou a brilhar. — Vamos voltar e tentar dormir.

A dupla voltou para o acampamento e voltou a descansar. Sofia teve dificuldade para voltar a dormir, mas não demorou para sua consciência descansar.

A manhã e a tarde da dupla foram tranquilas. Sofia encontrou mais comida dentro da bolsa, que ela não havia visto antes. Ela supôs que aquilo era algum tipo de magia de Ged, que fazia aparecer comidas diferentes todos os dias. Ela também achou alguns livros sobre ecologia, que decidiu ler.

Ela e Yumi passaram o dia discutindo e conversando sobre o processo de predação. Nos livros, ela entendeu como essa relação é importante para manter o equilíbrio da natureza, regulando a quantidade de seres vivos e permitindo que a natureza siga seu curso.

O dia não foi tão longo quanto Sofia gostaria, e logo o sol se pôs. Yumi acendeu a fogueira e sentou-se no colo de Sofia que, sentada encostada nas raízes da grande árvore, aguardava algum sinal da onça da noite anterior.

Após algumas horas, quando Sofia já estava pensando em desistir e dormir, ela ouviu o mesmo som da noite anterior. Yumi acordou com um pulo e olhou para a amiga.

— Vamos? — A expressão da gata era encorajadora, apesar de demonstrar um pouco de preocupação.

— Vamos. — Sofia sorriu e fez carinho no topo da cabeça da gata. — Precisamos ir.

A gata flutuou e começou a brilhar. Sofia a seguiu pela mata até encontrar novamente a clareira.

A cena da noite anterior se repetia. O veado estava encurralado pela pedra e a onça estava pronta para dar o bote. Sofia encarou a cena e seu primeiro instinto foi de ajudar a pobre criaturinha novamente.

Entretanto, ela lembrou das pequenas criaturinhas famintas que viu na noite anterior. Também lembrou do que leu nos livros que Ged deu: aquilo era o curso da natureza. Podia não ser bonito, podia ser desagradável, mas assim era o mundo. Ela não tinha o direito de interferir.

E, com um pulo rápido e certo, a onça alcançou sua presa.

Sofia, entretanto, não conseguiu evitar desviar os olhos. Só voltou a olhar a clareira quando não havia som de luta.

E viu os três filhotes da onça correndo na direção da presa. A onça, com o focinho manchado de sangue, olhou para o esconderijo da garota.

— Humana. Aproxime-se.

A garota respirou fundo e levantou-se do arbusto. Caminhou pela clareira, sempre tomando cuidado para não olhar para o cadáver atrás da onça.

— Olá, dona onça.

— Pode me chamar de Wanghu. Qual é seu nome?

— Sofia. Eu... — Ela parou antes de chegar perto demais. O cheiro metálico de sangue entrou em suas narinas e ela sentiu vontade de vomitar. — Eu queria pedir desculpas de novo por ontem. Eu não queria impedir vocês de comer.

— Eu entendo, criança. — Wanghu estreitou os olhos. — Eu realmente entendo, e agradeço por não ter repetido esse ato. Porém, também não acho que você entendeu exatamente o que essa situação tem a te dizer.

— Como... Como assim? — Sofia sentia o estômago embrulhar com o cheiro.

— Você ainda se considera externa. Como se você não fizesse parte disso. — A onça virou-se para a presa. — Eu sei que você não quer ver isso. Vou visitar vocês em seu acampamento amanhã à noite. Espero que você esteja lá ainda.

Sofia assentiu e deu as costas para a onça. Caminhou de volta para o acampamento ao lado da gata brilhante, em silêncio.

Sofia não dormiu bem naquela noite. Ao invés disso, ficou acordada encarando o céu estrelado entre as folhas das árvores. Pensou no cheiro de sangue e no pobre bichinho que teve que morrer para alimentar outro maior.

A garota só conseguiu dormir quando o céu já estava quase claro, o que resultou em poucas horas de sono, pois havia uma gata acampando com ela.

— Sofia! — Yumi subiu na barriga da menina. — Acorda! Vamos comer!

— Eu... Queria dormir um pouco mais. — Sofia abriu os olhos, cansada, e encarou a gata.

— Mas vamos comer! Depois você dorme mais.

— Tá, tá. — Sofia levantou enquanto a gata voava na direção da mochila. A garota abriu a bolsa e, para sua surpresa, a quantidade de comida tinha diminuído.

Ela tentou olhar outros bolsos, mas estava claro: havia menos do que nos dias anteriores.

— A gente vai ficar sem comida? — Sofia olhou para Yumi, nervosa.

— Acho que sim. O Ged provavelmente quer que a gente cace ou procure frutas. É a cara dele.

— Caçar...? — Sofia sentiu um embrulho no estômago quando se lembrou da noite anterior.

— É. Caçar. — Yumi flutuou na altura do rosto de Sofia. — Você pode sobreviver de frutas, mas eu não. Vamos sair para procurar comida e guardar a que apareceu hoje para emergências. Se eu achar frutas, eu te chamo. Mas vou caçar um bichinho pra mim!

A gata desceu até o chão e correu para a mata, animada. Sofia se levantou e percebeu porque Yumi tinha oferecido frutas; ela estava fazendo uma careta involuntariamente.

Ela caminhou pela mata próxima ao acampamento, em busca de frutas. Entretanto, depois de procurar bastante, voltou para o acampamento de mãos vazias.

Após alguns minutos, Yumi voltou. Havia pequenas manchas de sangue no focinho dela.

— Achou alguma coisa pra comer? — Yumi estava animada. Sofia a olhou com tristeza.

— Não. Estava te esperando para comer o que o Ged mandou. Mas você comeu, né?

— Sim. Pode comer, essa floresta é cheia de bichinhos pra mim. — Yumi lambeu a bata e passou no rosto, tirando o sangue. — Bom apetite!

Então Sofia comeu as comidas do Ged. Dessa vez havia um sanduíche de presunto e um filé de peixe, que a garota supôs que era para Yumi. Ambas as comidas estavam embrulhadas delicadamente em lenços de papel. Ela comeu o sanduíche e guardou o peixe para a amiga.

Mas Sofia sabia que aquele sanduíche não seria suficiente. Ela precisava achar comida...

— Eu... Eu preciso procurar mais um pouco. Você me ajuda? — Sofia olhou para a gata com preocupação. Yumi fez que sim com a cabeça.

— Claro! Se quiser, podemos deixar algumas armadilhas para bichinhos menores. O Ged me ensinou a fazer algumas.

— Não, obrigada. — A fome quase fez Sofia aceitar. Mas ela precisava resistir. Não era como aqueles animais que matam para sobreviver.

Então a dupla saiu para encontrar frutas. Sofia chegou a achar um pé de goiaba, mas havia poucas frutas.

O tempo foi passando e logo o sol estava alto no céu. A barriga de Sofia roncou enquanto ela se sentava contra as raízes da árvore grande de seu acampamento.

— Yumi... — Sofia suspirou. — Eu realmente preciso caçar para sobreviver?

— Bom, vocês humanos comem de tudo. — Yumi encostou-se na coxa de Sofia. — Mas por algum motivo, não estamos achando frutas. Não duvido que isso seja coisa do Pai Céu... Essa floresta costuma ser cheia de goiabas e mangas.

— Ah... — A menina olhou para o céu. Ela entendia que, se não comesse, não ia conseguir voltar pra casa. Ainda precisava andar muito para conquistar a confiança desse tal Pai Céu.

— Quer que eu faça as armadilhas? — Yumi ofereceu, cautelosa. Sofia fez uma careta involuntária.

— Eu acho que sim. — Ela suspirou. — Mas não sei se eu conseguiria comer um desses bichos...

— Bom, eu vou fazer. Se na hora você desistir, liberamos o que a armadilha pegar. — Yumi flutuou para a floresta, deixando Sofia imersa em pensamentos. Ela seria obrigada a tirar a vida de um animal para sobreviver, possivelmente um animal pequeno e indefeso. Quanto mais ela pensava sobre isso, mais ela sentia que estava fazendo algo de errado.

Não demorou muito para a gata voltar. Sofia estava tão perdida em seus pensamentos que só reparou quando a gata se deitou em seu colo.

— Eu vou dormir um pouco, tá...? Desculpa. Tô cansada. — Yumi se arrumou no colo da garota e ronronou quando esta fez carinho no topo de sua cabeça. — Pode comer meu peixe. Estou satisfeita.

Sofia suspirou. Se perguntou se a gata realmente estava satisfeita ou se só estava com pena. Ela não queria ser um peso para quem a já tinha dado tanta ajuda. Porém ela sentiu a barriga roncar novamente. Ela realmente precisava comer. Tomando cuidado para não acordar Yumi em seu colo, Sofia pegou a mochila ao seu lado e começou a morder o filé de peixe.

Até que Sofia pausou e encarou a comida.

O peixe que ela comia também não era um ser vivo e indefeso?

Ela olhou para a comida e respirou fundo. Como ela era diferente daquela onça, que caçou sua comida para sobreviver? Ela nunca foi vegana ou vegetariana na sua vida, então comia carne sempre que podia.

Ela encarou o peixe e lembrou-se das aulas de Geraldo. Lembrou-se vividamente de uma explicação sobre o ciclo da vida, e como todo ser vivo serve de alimento para outros, permitindo que a energia continue circulando pelo mundo.

Ela pegou um livro de ecologia da mochila. Procurou sobre cadeias alimentares no sumário, e pôs-se a ler.

Antes que ela percebesse, já estava anoitecendo. Yumi acordou e percebeu que a amiga estava lendo no escuro.

— Ei! Deixa que eu acendo a fogueira pra você ler.

Sofia tomou um susto ao perceber que o céu já estava laranja.

— Não precisa! — Sofia guardou o livro na mochila. — Pode levantar-se? Wanghu pode chegar a qualquer momento.

— Claro! — Yumi levantou. Sofia ficou de pé e alongou o corpo. Passou tempo demais sentada numa posição só.

— Será que ela vai demorar? — A garota sentou-se perto da fogueira. Yumi negou com a cabeça.

— Provavelmente não. Mas talvez você queira saber que uma das armadilhas capturou um bicho.

— Ah. — Sofia sentiu a barriga revirar, tanto de fome quanto de desconforto. Ela tinha acabado de ler sobre como todo ser vivo consome outros para sobreviver, mas uma coisa é ler, outra completamente diferente é sentir na prática.

— Quer ir até a armadilha? Está bem perto.

— Acho que é melhor esperarmos Wanghu...

— Não sei. O bicho que caiu na armadilha pode estar desesperado.

Sofia imaginou uma raposa presa numa armadilha de urso e estremeceu.

— Tá, vamos lá. Mostra o caminho, por favor.

Yumi brilhou e iluminou o caminho para Sofia. Elas andaram pouco até achar a armadilha: parecia um círculo dourado brilhante, aparentemente mágico. Dentro dele havia uma capivara aparentemente dormindo.

— A armadilha faz o animal dormir assim que pisa no círculo. Legal, né?

— Sim. Armadilhas mágicas são úteis. Por que você disse que o bicho poderia estar desesperado, se ele estaria dormindo?

— Ah, essa armadilha pode paralisar o corpo e não a mente, se for um animal com consciência. Não é o caso, felizmente. — Yumi flutuou por cima da capivara. — Então, o que vai fazer? Posso acordar o bicho, se quiser.

— Eu... — Sofia respirou fundo e lembrou-se do que Wanghu havia dito. Ela se sentia mal pois passou a vida fingindo que não fazia parte de uma cadeia alimentar. Apesar de saber que comia carne bovina e suína, ela nunca se deu ao trabalho de pensar muito sobre o assunto.

Ela era parte de um todo, assim como a onça, o veado e a capivara. Ela era apenas um pequeno ponto do processo, assim como eles. Quando ela morresse, também serviria de comida para outros seres vivos, que continuariam o ciclo.

Ela fechou os olhos e, após alguns segundos, os abriu.

— Vamos comer.

— Fico muito feliz em perceber que você chegou nessa conclusão, Sofia. — A garota virou-se ao ouvir uma voz vindo de suas costas. Por um segundo, ao ver Wanghu, ela pensou em correr desesperadamente, até lembrar que aquela onça prometera não lhe fazer mal.

— Wanghu? Desculpa por não estarmos no acampamento. — Sofia se desculpou enquanto virava-se totalmente para a onça. — Eu... Estou com fome. Vim caçar, como você.

— E é exatamente isso que eu estava esperando. — Wanghu aproximou-se. Suas crias estavam logo atrás. — Você não é como outros humanos que passaram por aqui. A maioria deles morre de fome por se recusar a matar um animal com as próprias mãos, ou é um selvagem que mata tudo que vê pela frente para comer sempre que tem vontade. Você entende o peso da morte, e aceitou que precisa dela para viver. Não é qualquer um que aprende isso tão rápido.

Sofia deixou escapar um pequeno sorriso.

— Era isso que você queria me ensinar?

— Eu não queria te ensinar. Eu queria saber se você poderia aprender, por conta própria. — A voz de Wanghu era doce. Sofia nunca havia percebido esse tom quase maternal da onça. — E você aprendeu.

— Obrigada. Você é muito gentil. — Sofia sorriu mais ainda.

— Porém, peço que deixe essa caça para mim. — Wanghu aproximou-se da capivara. — Ged provavelmente vai lhe mandar mais comida agora que você aprendeu a lição. Já comuniquei a ele de seu progresso.

— Ged? — Yumi chegou perto de Wanghu — Ele estava monitorando a gente esse tempo todo?

— Claro! — Wanghu sorriu. — Ele não deixaria vocês duas sozinhas aqui. Ele sabia que mais cedo ou mais tarde Sofia precisaria aprender sobre a relação de predação, e preferiu que fosse mais cedo.

— Wanghu... Muito obrigada. — Sofia sorriu de orelha a orelha. — Você pode nos mostrar onde podemos encontrar um outro animal com quem eu possa fazer amizade?

— Além de mim? Sim, é claro. Se seguirem para o leste, vão encontrar uma floresta gelada, onde vivem duas tribos de lobos. Ambas são inteligentes, então terão oportunidade de concluir sua missão de uma única vez.

— Mas... Pai Céu precisa que eu faça amizade com três animais. — Sofia franziu o cenho, confusa.

— Não seja boba, menina! — Yumi pousou no ombro dela. — Wanghu está se incluindo nesse número!

Sofia piscou enquanto Wanghu ria.

— Exatamente. Você é uma humana disposta a aprender e entender o mundo ao seu redor. Valorizo isso em alguém. Voltem para seu acampamento; suspeito que Ged tem um banquete para vocês. Já o meu está bem aqui. — Wanghu andou na direção da capivara, mas olhou para trás antes de começar a comer. — Tenha cuidado, Sofia. E não vá embora desse mundo antes de me dizer adeus!

A menina sorriu e preparou-se para andar de volta até o acampamento.

— Pode deixar! Até mais, Wanghu! — Sofia deu as costas para a onça.

— Tchau tchau! — Yumi se despediu enquanto tomava a frente de Sofia, iluminando o caminho.

Ao voltarem para o acampamento, Sofia encontrou na mochila uma bela refeição: purê, arroz, feijão, bife acebolado e salada, empacotados dentro de uma marmita de plástico com dois talheres em cima deles. Para Yumi, havia um pequeno pote do que parecia ser caldeirada de camarão.

Ambas comeram, gratas pela refeição. Sofia, entretanto, fechou os olhos antes de comer e agradeceu aos seres vivos que morreram para que ela pudesse se alimentar — e pensou se os seres vivos que se alimentariam dela no futuro seriam gratos a ela também.

Capítulo 3



Ao amanhecer, Sofia e Yumi reuniram seus pertences de volta na mochila e seguiram viagem para o norte.

Não demorou muito para que Sofia começasse a sentir que o clima mudava. Ela percebeu que estava na mesma floresta, pois via árvores parecidas e os pássaros que ela via nos galhos ainda eram iguais, mas sentia que estavam perto de um lugar diferente.

— Já está ficando frio. Falta muito para chegarmos no lugar que Wanghu apontou?

— A Tundra Boleana fica há mais alguns quilômetros. — Yumi, que flutuava ao lado de Sofia, respondeu. — Mas podemos parar para descansar, se você quiser.

— Não precisa, eu tô bem. — Sofia realmente estava. Não sabia o que era, mas sentia como se tivesse uma força que ela não conhecia. Sentia como se fosse uma pessoa diferente da menina cansada de alguns dias atrás.

— Ainda bem. — Yumi pousou no ombro da menina. — Eu tô cansada. Mas logo logo chegamos onde temos que chegar.

O caminho foi longo. Quando o sol estava se pondo, Sofia e Yumi chegaram num grande desfiladeiro, porém pouco íngreme. Olhando de perto, Sofia percebeu que seria possível

descer sem se machucar, se tomasse cuidado. Lá embaixo, viram o começo de uma floresta gelada, como se a temperatura mudasse drasticamente de um lugar para o outro.

— Era pra mudança ser tão... Repentina? — Sofia franziu o rosto, indecisa.

— Aqui não é como seu mundo. Cada território é protegido por barreiras mágicas, então existem vários ecossistemas próximos, porém diferentes. — Yumi levitou do ombro de Sofia para o chão. — Vamos montar acampamento. Tentar andar por aquela floresta gelada à noite é morte certa.

Sofia concordou e foi buscar galhos secos para uma fogueira, enquanto pensava nas suas roupas. Eram confortáveis para a viagem na floresta, mas ela se perguntou se sobreviveria a uma tundra como aquela. Parecia ser bastante fria.

Depois de montar o acampamento, Sofia sentou-se e pegou um livro da mochila.

— Você tem lido bastante, Sofia. — Yumi deitou-se no chão ao lado da amiga. — O que tem de interessante nesses livros?

— São livros de ecologia. — Sofia fez carinho em Yumi. — Tem me ajudado bastante. Se eu não tivesse lido sobre predação, eu nunca teria entendido o lado de Wanghu.

— Entendi. Fico feliz que você tenha gostado. Mas não esqueça que ao ler, você precisa pensar sobre o que está lendo. Se não, é só perda de tempo.

Sofia continuou fazendo carinho na gata, que começou a ronronar. Em pouco tempo Yumi havia dormido, mas Sofia continuou lendo.

Ela se perguntou por que passou tanto tempo desinteressada por esse assunto. Ela havia tido aulas de ecologia na escola, mas nunca havia dado tanta importância para aquele assunto.

Porém, quanto mais ela lia sobre as relações entre os seres vivos, mais ela se sentia parte daquele mundo. Quanto mais ela lia, mais ela entendia como os seres vivos estão conectados, incluindo os humanos. Talvez por nunca ter tido contato com a natureza, ela nunca tenha pensado que fazia parte dela.

Ela suspirou. Olhou para as estrelas acima, e se perguntou se também estava conectada a elas. Afinal, fazem parte da natureza.

Com um sorriso leve no rosto, a garota enfiou-se no saco de dormir. Adormeceu refletindo sobre o papel da humanidade na natureza, enquanto parte dela.

O amanhecer trouxe uma surpresa agradável: Sofia achou roupas e botas para o frio dentro da mochila, junto com o café da manhã.

— Com isso você não vai precisar se preocupar com o frio! — Yumi comemorou. — Vocês mamíferos sem pelo são ridículos de precisar disso.

— Ei, não precisa ofender também. — Sofia brincou. — Pelo menos temos polegares.

Yumi deu uma pequena gargalhada enquanto a amiga vestia o casaco. Depois de pronta, a dupla desceu o desfiladeiro.

Era repleto de pedras e terra, então Sofia precisou tomar muito cuidado ao descer. Cada passo fazia a garota temer pela vida, pois imaginou que uma queda dali a machucaria bastante.

Após vários minutos, ela conseguiu chegar no chão. À sua frente, havia uma clara linha que dividia os ecossistemas: em um ponto havia terra e grama, e no outro havia alguns centímetros de neve.

Ela andou, determinada, e cruzou a suposta barreira mágica. A sensação era como entrar no shopping em um dia quente, porém muito mais forte. Ir do quente para o frio tão repentinamente arrepiou a garota, mas ela continuou andando pela neve.

Yumi flutuava ao lado dela, sem demonstrar que se importava com a mudança de temperatura.

— Você já fez isso antes? — Sofia perguntou para Yumi.

— Cruzar as fronteiras? Já, claro. Eu viajei por um tempo com o Ged, e ele sempre passa por elas.

— Você conhece essas tribos de lobos, então? Tem alguma dica pra me ajudar a fazer amizade com eles?

— Bom, não impedi-los de comer é um bom começo. — Yumi deu uma risadinha. — Mas não conheço eles o suficiente. Lobos costumam competir por espaço, então imagino que esses embates são comuns.

— Espero que eles possam ser meus amigos... — Sofia suspirou. — Eu realmente não queria me envolver em brigas. Especialmente se o outro lado tiver presas e garras.

— Nem eu. — Yumi flutuou para o outro lado da menina. — Mas não se preocupe. Se conversarmos direitinho com eles, você vai se dar bem com os dois. Talvez você possa ir pra casa hoje mesmo!

Elas caminharam pela neve a passos lentos. Sofia estava tão ansiosa para voltar pra casa que nem se deu conta de que nunca tinha visto neve na vida. Enquanto caminhavam, a garota tocava a neve e tentava fazer bolas, como via nos filmes.

— Você parece uma criança brincando. — Yumi falou enquanto Sofia arremessava a bola de neve em uma árvore. — Nunca tinha visto neve?

— Nunca. E achei que nunca veria! — Sofia se preparou para fazer outra bola. — Se eu jogar em você, te deixaria com muita raiva?

— Claro que não. — Yumi brilhou um pouco e Sofia viu um punhado de neve levantar e tomar a forma de uma bola. — Até porque você não vai me acertar.

Gargalhando, as duas começaram a brincar. As bolas que Yumi arremessava eram rápidas, mas Sofia não pôde deixar de notar que ela parecia estar se segurando. A própria Sofia jogava bolas rápidas, já que ela adorava jogar queimada.

Após alguns minutos de troca de tiros de neve, a dupla se sentou ao lado de uma árvore sem folhas, rindo.

— Você quase ganha de mim! — Yumi deitou-se no colo de Sofia enquanto ela se ajeitava contra a árvore.

— Quase? Eu claramente ganhei de você! — Sofia estava ofegante pelo embate. — Vamos voltar a andar daqui alguns minutos, que tal?

— Claro. Descanse o tempo que precisar!

Elas ficaram alguns minutos paradas, olhando o céu azul. Devia ser quase hora de comer, mas Sofia estava decidida a andar um pouco mais antes de almoçar.

Assim que recuperaram o fôlego, a dupla seguiu viagem.

Dessa vez, Sofia não se distraiu com a neve. Estava gostando do frio, mas mal podia esperar para voltar pra casa.

Elas caminharam bastante até chegar em uma clareira. Era grande, e parecia ser um ótimo lugar para comer.

Elas montaram a fogueira e comeram tranquilamente. Yumi e Sofia já se sentiam confortáveis uma com a outra, permitindo silêncios longos em que apenas a presença da outra era suficiente.

Porém, enquanto comiam, Yumi percebeu uma terceira criatura na clareira. Ela levantou com rapidez enquanto Sofia se virava para olhar a causa do movimento.

E ela viu, caminhando lentamente na direção delas, um lobo cinza. Seus olhos estavam vidrados em Sofia.

— Er... Oi? — A menina tentou falar. — Meu nome é Sofia. Você faz parte das tribos de lobos daqui? Queria conversar um pouco com vocês.

O lobo não respondeu. Seus olhos continuavam vidrados na garota. Ela se levantou devagar e deu passos lentos para trás.

— Nós não queremos confusão. — Sofia sentiu o coração acelerado martelando no peito. — Se essa é sua área, desculpa, nós vamos embora. Nós...

Antes que ela pudesse terminar de falar, o lobo correu na direção delas. Sofia gritou e virou-se para correr, até que uma terceira voz gritou.

— Parado! — Era uma voz feminina, vindo de trás do lobo. Sofia virou-se e percebeu que o seu atacante recuou, enquanto outra figura quadrúpede se aproximava. Era uma loba grande, totalmente branca.

— Nós não queríamos nos meter na sua região. — Yumi falou, firme. — Não sabíamos que essa área era ocupada.

— Não há problema, felino. — A loba se aproximou da gata e baixou a cabeça levemente. — Meu nome é Lupa. Como vocês se chamam, forasteiros?

— Meu nome é Yumi. — A gata baixou a cabeça da mesma forma que Lupa havia feito.

— Ah... Eu sou Sofia. — A menina tentou copiar o gesto.

— Yumi e Sofia. Peço desculpas por meu companheiro. — Lupa olhou para o lobo cinza, que agora se escondia atrás de algumas árvores na ponta da clareira. — Ele é um pouco impulsivo. Se assim quiserem, estão convidadas a passar a noite em nossa aldeia.

— Seria ótimo. — Sofia se aproximou, ainda tremendo um pouco. — Mas não queremos atrapalhar nada.

— Atrapalham mais estando aqui. — Lupa fechou os olhos e balançou a cabeça, como se lamentasse algo. — Esse lugar será palco de um evento terrível nos próximos dias. Não podemos deixar ninguém de fora estar aqui.

— Que evento seria esse? — Yumi pousou no ombro de Sofia enquanto falava.

— Posso explicar em nossa aldeia. Arrumem suas coisas e vamos.

A dupla obedeceu, apagando a fogueira e juntando suas coisas rapidamente. Elas seguiram Lupa enquanto ela caminhava entre as árvores.

Yumi parecia firme, em contraste com sua personalidade brincalhona. Sofia estava preocupada, pois nem quando encontraram Wanghu a gata tinha ficado tão séria.

O grupo alcançou uma outra clareira, desta vez repleta por lobos. Alguns estavam deitados nos cantos sozinhos, outros observavam filhotes andando e correndo, e outros ainda estavam em duplas. Havia cerca de oito adultos e alguns filhotes.

— Lupa! O que era? — Um lobo cinzento, porém mais claro que o que atacou Sofia, se aproximou da loba.

— Eram essas duas. — Lupa apontou para elas com o focinho. — Yumi, a felina e Sofia, a humana. Peço que cuidem bem delas por hoje.

— Sim senhora! — O lobo fez a mesma reverência que Sofia viu mais cedo. Lupa caminhou para o lado enquanto o lobo fez sinal para que elas o seguissem.

— Qual é o seu nome? — Sofia perguntou.

— Meu nome é Geri. Estou aqui nessa matilha há pouco tempo, então faço tudo para ser útil.

— Entendi... E por que a Lupa queria que a gente estivesse fora daquela clareira? — Yumi indagou enquanto flutuava ao lado de Sofia.

— Vai haver uma guerra. — Ele informou, com expressão claramente triste. — Entre as matilhas do norte e do sul.

— Então vocês realmente estão em guerra... — Sofia suspirou. — Por quê?

— Porque não podemos conviver. — Geri parou num canto da clareira e se deitou na neve. — Eles comem da nossa comida. Ocupam nossos espaços. Precisamos pôr um fim nisso.

— Mas... Vocês são todos lobos, não? — Sofia coçou a cabeça. — Vocês não deveriam ser amigos?

— Vocês, humanos, são todos amigos? — Geri olhou para ela com um misto de tristeza e irritação. Sofia não respondeu.

— Bom. — Yumi continuou a conversa. — Que horas essa batalha vai começar?

— Assim que a lua sair. — Geri suspirou. — Gostaria que não fosse assim. Mesmo. Mas infelizmente não temos escolha.

— Escolha, né... — Sofia pensou um pouco. — Talvez tenham. Onde fica a vila dos outros lobos?

— Bom ao sul daqui. Por ali. — Geri apontou com o focinho. — Mas falem com Lupa antes de sair, se forem para lá. Sei que vão tentar acalmar os ânimos, mas isso não vai acontecer. Ela vai explicar melhor.

— Obrigada! — Sofia olhou ao redor e viu Lupa conversando com alguns lobos. Ela correu na direção da líder, que se virou para ela ao perceber a aproximação.

— Sim? — Lupa parecia cansada.

— Eu e a Yumi queremos conversar com a tribo do sul. — Sofia falou firmemente, como viu Yumi fazer mais cedo. — Queremos pôr um fim nessa guerra.

— Vocês não vão conseguir. — Lupa suspirou. — Mas tentem. Façam o que quiserem. Mas estejam longe daquela clareira com o subir da lua. Tomem cuidado.

— Certo! — Sofia andou na direção que Geri havia apontado.

— Tem certeza de que é uma boa ideia? — Yumi parecia preocupada.

— Certeza não. Mas eu não quero ver eles brigando sem motivo!

— Mas há um motivo. — Yumi respondeu, triste. — É a natureza. Competições existem e são necessárias para que haja mudança.

Sofia ignorou a amiga. Ela podia entender a necessidade de Wanghu de comer, mas não havia motivo para esses lobos brigarem.

A dupla caminhou por alguns quilômetros até avistarem uma nova clareira. Também estava repleta de lobos, e dois deles encaravam a dupla fixamente.

— Quem vem lá? — Um dos lobos gritou.

— Yumi e Sofia! Não queremos confusão. — Sofia levantou as mãos. Yumi imitou, levantando as patas.

— Não é um dia para receber visitantes. — O mesmo lobo falou. — Vão embora!

— Nós queremos ajudar. — Yumi respondeu. — Ficamos sabendo sobre a guerra. Nós queremos conversar para ver se podemos impedir a luta que vai acontecer hoje.

O lobo soltou uma gargalhada curta.

— Impedir? Duvido muito. — Ele deu as costas para as garotas. — Meu nome é Freki. Me sigam.

A dupla obedeceu. Freki tinha um pêlo amarronzado, e Sofia conseguia ver a neve caindo de suas costas enquanto ele andava. A clareira não era diferente da área ocupada pela tribo do norte: havia cerca de nove lobos e alguns filhotes.

O maior deles tinha pêlos brancos como os de Lupa. Ele virou-se para encarar Freki e esbugalhou os olhos quando viu Sofia e Yumi.

— Uma humana? — O lobo olhou para Freki espantado. — O que ela está fazendo aqui?

— Diz ela que veio impedir a guerra. — Freki deu uma risadinha. — Vou deixar vocês conversarem.

— Você faz ideia do que está em jogo aqui? — O lobo grande apertou os olhos. — Nós precisamos de comida. Precisamos de espaço. É nosso território, e a tribo do norte tem entrado mais e mais nele. Não podemos impedir essa batalha.

— Mas... Como é seu nome? — Sofia pausou ao perceber que não se apresentaram.

— Canis. E o de vocês?

— Sou Sofia, e essa é Yumi. — A garota pensou em fazer uma reverência parecida com a de Lupa, mas percebeu que talvez fosse desrespeitoso usar um cumprimento da tribo inimiga. — Nós queremos ajudar. Por que vocês não podem dividir espaço?

— Ora, pergunte para eles! — Canis disse, com amargor na voz. — Eles que estão se aproximando cada vez mais de nosso território. Não podemos ficar parados, eles logo logo estarão na nossa porta. Precisamos lutar.

— Mas... Não há espaço para todos vocês?

— Olhe para nós, Sofia. — Canis apertou os olhos. — Temos bocas para alimentar. Eles também. Não é fácil achar comida para um bando inteiro. Principalmente quando há outra tribo caçando na mesma região.

— Mas por que eles desceram? — Yumi perguntou. — Eles não podiam ter ficado longe?

— Isso vocês vão ter que descobrir com eles. Nós só estamos nos defendendo. — Canis deu as costas. — Não vamos recuar. A não ser que Lupa nos diga que ela vai sair de nosso território, não iremos desistir dessa guerra. Essa é minha palavra final.

O lobo andou na direção de outros dois companheiros e começou uma conversa, em voz baixa, para que Sofia não ouvisse. Ela sentiu que aquilo era uma ordem para que elas saíssem da vila.

Ela e Yumi fizeram seu caminho de volta para a clareira onde Lupa estava. Chegaram quando o sol estava quase se pondo, então o grupo estava agitado e se preparando para partir.

— Sofia! Yumi! — Geri correu até elas — E então?

— Eles disseram que só vão recuar se vocês forem embora daqui... — Sofia explicou como foi a curta visita a Canis.

— É o que imaginei. — Geri fechou os olhos e balançou a cabeça, triste. — Nós precisávamos ir embora do sul porque fomos expulsos por outra matilha. Infelizmente, não temos escolha a não ser ficar. Precisamos de um lugar para chamar de nosso.

— Então por que vocês não se unem à matilha do Canis? — Yumi perguntou, em voz baixa, para que mais ninguém ouvisse.

— Ele não deixa, pois somos do sul. Não temos escolha, Sofia. Espero que entenda. Pode ficar por aqui, até amanhã eu espero que tenhamos voltado para cá.

— Eu vou com vocês. — Sofia disse, destemida. — Eu quero ajudar até o fim.

— Não vai, não. — Sofia viu Lupa andando na direção dela enquanto falava. — Isso é assunto nosso. Peço que não interfira.

— Mas... Eu não quero que vocês se machuquem. — Sofia olhava para Geri e Lupa. — Nem vocês, nem eles.

— Infelizmente, não temos escolha. — A voz de Lupa ficou severa. — Você precisa da confiança de três criaturas para voltar para casa, não é? É o que costuma acontecer por aqui. Você vai ter a confiança de quem quer que vença essa batalha. Ao fim dela, sugiro que parta.

— Tá... — Sofia suspirou. — Vamos montar acampamento num canto dessa clareira.

— Se nós não voltarmos ao amanhecer, sugiro que vá até a clareira de Canis. Tenha um bom descanso. — Lupa encerrou a conversa, virando-se e andando para perto de seus companheiros. Sofia e Yumi sentaram-se na neve e acenderam uma fogueira enquanto os lobos saíam pela floresta.

A noite foi longa e desagradável. Sofia não podia ouvir, mas imaginava os sons da batalha entre os lobos. Não conseguiu dormir por muitas horas, então resolveu ler. Abriu um dos livros de Ged e leu um pouco sobre as relações intraespecíficas, com seres da mesma espécie. Leu um pouco sobre como várias espécies unem-se para sobreviver, e muitas vezes indivíduos da mesma espécie competem entre si por espaço, liderança e recursos.

Quanto mais ela lia, mais seu coração apertava. Ela não queria que aqueles seres tivessem que brigar. Por que não podem todos ser felizes e viver harmoniosamente na natureza?

Após várias horas de leitura, o sol nasceu. Sofia estava quase pegando no sono quando ouviu sons de passos pela floresta.

Do outro lado da clareira, Sofia viu Lupa caminhando em sua direção, acompanhada de vários outros lobos. Geri estava mais atrás, mancando, mas vivo.

— Lupa! — Sofia se levantou e correu até ela. Yumi acordou com um susto e voou para acompanhar a amiga.

— Sofia. — Lupa estava claramente machucada. — Fico feliz que você me obedeceu. Felizmente, vencemos a guerra e agora esse território é nosso.

— E o Canis? Ele... — Sofia foi interrompida pela loba.

— Não tínhamos motivos para fazer mal verdadeiro a eles. Só os expulsamos, para que possamos nos assentar aqui. Eles vão descer mais ao norte, provavelmente.

— Entendi... — Sofia suspirou. — Vocês precisam de alguma ajuda?

— Não. Agora, lambemos nossas feridas e descansamos. Pode ficar aqui por mais algum tempo, pois a consideramos uma aliada.

— Obrigada. — Sofia sorriu. — Mas a gente devia ir.

— Mas Sofia, você mal dormiu. — Yumi soou preocupada, voando ao redor da garota. — Você tá claramente morta de cansada.

— Não se preocupa. Eu tô bem! — Sofia sorriu. — Onde você acha que a gente pode achar outra criatura, Lupa?

— Bom... Se continuarem para o leste, vão achar a barreira com uma região tropical. Lá, vocês talvez encontrem alguns animais dispostos a conversar.

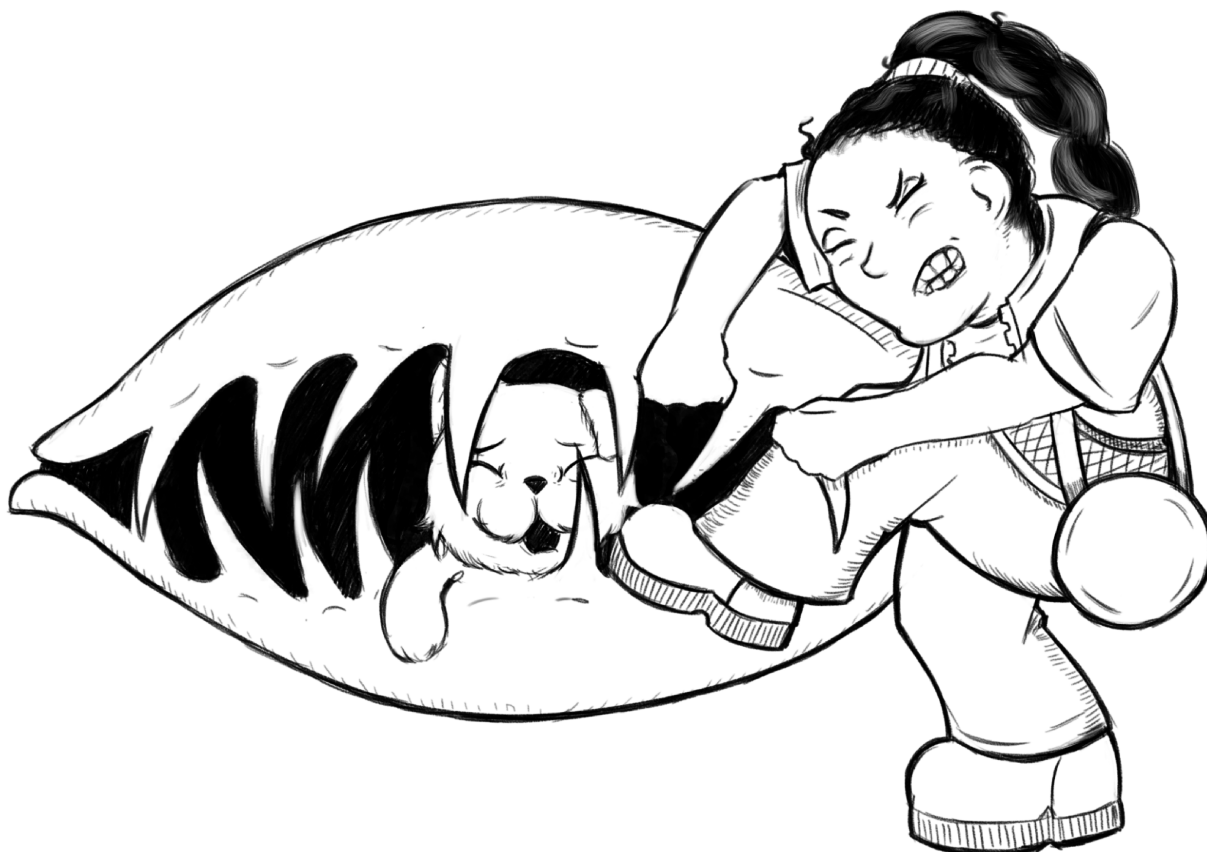
— Tá bem. Vamos indo, Yumi! — Sofia voltou para a fogueira, apagou — e começou a arrumar seus pertences.

— Tem certeza? Eu tô realmente preocupada. — A gata flutuava ao redor de Sofia.

— Tenho, sim. — Sofia respirou fundo. — Eu não quero ficar aqui e ver eles machucados. Prefiro ir, e achamos um lugar para descansar no caminho.

— Tá bem... — Yumi concordou, relutante. As duas seguiram para leste, como Lupa havia dito.

Capítulo 4



A dupla viajou por algumas horas antes de chegar na divisão. Sofia estava exausta, e a cada tantos metros Yumi pedia para que parassem.

— Yumi! — Sofia explodiu quando já era possível ver a divisão entre a área de neve e uma área mais quente. — Eu tô bem! Relaxa.

— Sofia, você tá literalmente cambaleando. Você precisa parar... Pelo menos por alguns minutos.

— Tá. — A garota resmungou, irritada. — Vamos atravessar a divisa entre as regiões e nos sentarmos para comer. Já já vai dar meio-dia, mesmo.

Yumi suspirou aliviada enquanto Sofia voltava a andar. Desde que ela não tinha conseguido ajudar Canis e Lupa a se entenderem, a menina não conseguia tirar aquele fato da cabeça. Por que tudo na natureza parecia ser tão violento? Por que parecia que todos querem fazer mal aos outros? Ela se sentia inútil e burra por não ser capaz de ajudar eles. Lembrou-se da reprovação e sentiu um aperto no peito. Talvez ela realmente fosse incapaz.

Ao atravessar a divisa, Sofia percebeu que estava em uma área muito mais quente que a floresta onde havia estado pela primeira vez. Imediatamente a garota tirou o casaco grosso e parou para procurar roupas adequadas para o clima.

O chão era desértico, seco, porém não havia areia. Era apenas um chão laranja rachado

Ela logo colocou as roupas disponíveis na mochila - eram roupas longas, porém confortáveis. Antes de colocar ela hesitou e pensou se havia algum engano, mas lembrou-se que o sol provavelmente seria seu maior inimigo nesse lugar com poucas sombras.

Ela e Yumi prosseguiram por mais alguns metros até avistar um pequeno oásis, por onde corria um rio. Havia algumas árvores e matos, então a dupla decidiu descansar ali. Ao sentar-se, Sofia instantaneamente sentiu os olhos ficarem pesados de sono. Ela comeu seu almoço com rapidez e virou-se para Yumi.

— Yumi... Eu vou cochilar um pouco. Você pode me acordar já já?

— Claro! Vou te esperar.

Sofia agradeceu mentalmente, pois o sono já a dominava. Ela deitou a cabeça numa árvore próxima ao rio e dormiu.

Quando acordou e abriu os olhos, a garota levou um enorme susto.

Ela viu, no rio, um enorme crocodilo. O aspecto ameaçador era inconfundível, com seus dentes pontudos e afiados.

O susto da garota, entretanto, veio de outra coisa. O crocodilo estava com a boca completamente aberta, enquanto um pássaro passeava dentro dela.

O coração da garota foi até a garganta. Por um segundo, pensou em gritar para o pássaro fugir, mas lembrou-se do contato que teve com Wanghu. Ela não deveria interferir na natureza.

Porém, ao contrário do que ela achou que aconteceria, o pássaro apenas continuou caminhando pela boca do crocodilo, enquanto bicava-lhe entre os dentes. Ela observou, encantada, o pássaro voar enquanto o crocodilo fechava a boca.

— Obrigado, Sticks! — O crocodilo falou, com uma voz acalorada.

— Eu que agradeço, Ali! Volto amanhã para mais hein! — O pássaro respondeu, voando para longe.

— Ei! — Sofia chamou Yumi, que também acabou cochilando no acampamento. — Aquele crocodilo consegue falar. Vamos conversar com ele!

— Hm... Vamos. Só mais cinco minutinhos... — A gata se espreguiçou. Sofia olhou de volta para o crocodilo e viu que ele estava indo embora.

Ela deixou a gata no acampamento e correu até o rio.

— Ei! Senhor crocodilo!

— Crocodilo? — O animal virou-se e resmungou, irritado. — Eu sou um jacaré. Como pode confundir?

— Ah... Desculpa. É que vocês são parecidos.

— Vocês, primatas, são todos parecidos também. — O jacaré resmungou. — Meu focinho é mais curto e mais largo que o de um crocodilo. Não esqueça! Se eu não estivesse de bom humor eu ficaria ofendido.

— Desculpa. Meu nome é Sofia, e estou tentando voltar para casa. Preciso da confiança de um animal, será que podemos ser amigos?

— Claro, Sofia. Meu nome é Ali, muito prazer. — A voz do jacaré era grave, porém agradável.

— Você é amigo daquele pássaro?

— Sim! Ele é um grande amigo meu. Às vezes, depois de caçar, meus dentes ficam sujos. Pássaros — palito, como ele, comem o que resta nos meus dentes, limpando minha boca e alimentando eles. Útil, não?

— Útil, sim... — Sofia fez uma careta de nojo, ao imaginar o pássaro comendo restos de comida do jacaré. — Mas faz sentido. Quando vi, achei que você ia comê-lo.

— Oras! — Ali gargalhou alto. — Eu não estou com fome! E não comeria alguém que me ajuda tanto. Nem sempre um bicho grande vai querer caçar um bicho pequeno.

Sofia sorriu com essa frase. Sentiu o coração se aquecer um pouco, ao perceber que estava errada: nem tudo na natureza é violento.

Porém, a sensação de paz sumiu quando ela ouviu um grito vindo do acampamento.

— Yumi? — Sofia gritou o nome da amiga ao se virar. Ela correu rapidamente para o acampamento, e ouviu os passos pesados de Ali atrás dela.

— Sofia! — A garota ouviu a voz da amiga mais fundo no oásis. Ela correu e a amiga, presa na boca do que parecia ser... uma planta?

— Dionéia! — Ali, atrás de Sofia, exclamou. — Você não deve caçar animais protegidos pelo Ged!

A planta falou, mas sem mover a “boca” onde Yumi estava presa.

— Ali. Nunca imaginei que receberia lição de moral de um crocodilo.

— Jacaré! — Ali bateu a pata no chão, nervoso. — Solte a gata nesse instante!

— Eu posso soltar. Mas primeiro, quero ter uma conversa com a humana. — A planta estranha virou-se para Sofia e abriu uma boca, parecida com a de Yumi. — Entre.

— Não faça isso, Sofia! — Ali exclamou. — É uma planta carnívora. Ela vai digerir você aí dentro!

— Mas... Se eu não salvar a Yumi... — Sofia olhou para a amiga, que tentava morder os “dentes” da planta.

— Eu saio daqui rapidinho, Sofia! — A gata disse entre mordidas. — Eu vou ficar bem! Não faz isso!

— Mas... — Sofia olhou para aquela situação e respirou fundo.

Ela pensou em tudo que aprendeu até aquele momento. Lembrou-se do que Wanghu havia dito: ela sempre achou que estava de fora das relações entre os seres vivos. Mas, ao ver Wanghu comer aquele veado, ela percebeu que ela também comia carne. Ela também se alimentava de outros seres vivos.

E aquela planta também se alimenta de seres vivos. Igual a ela.
A menina respirou fundo mais uma vez e subiu na estranha boca vegetal.

A boca que carregava Yumi se abriu ao mesmo tempo que a boca que Sofia subiu fechava. A gata pulou para o chão e começou a gritar, desesperada.

— Sofia! Não! — A felina tentou flutuar, mas estava claramente exausta. Ali deu alguns passos para frente.

— Dionéia! Isso não vai ficar assim! — O jacaré gritou. — Você vai se ver com o Pai Céu!

A planta ignorou completamente a ameaça.

— Está aí? — A planta disse em voz baixa. Sofia escutou e, por um segundo, achou que havia imaginado a voz.

— Estou. — Sofia respondeu, irritada. — Oras, você não vai me engolir?

— Eu não engulo. Eu vou digerir você aqui mesmo.

— Ah, que ótimo. Vai demorar. — Sofia sentou-se no espaço apertado da boca. — Me pergunto o que meus pais vão dizer.

— Ah... Você tem família. — A planta comentou.

— Sim. É uma boa família, eu, meu pai e minha mãe. E meu tio Geraldo, que é com quem eu estava antes de vir pra cá.

— Geraldo... — A planta repetiu o nome. — É um bom nome. Você gosta deles?

— Gosto muito. — Sofia percebeu que a voz da planta havia ficado levemente triste. — Você tem família?

— Ah, não. Não tenho ninguém. A maioria das plantas ao meu redor me odeia porque sou a única que se alimenta de seres vivos. Então estou sempre sozinha.

— Mas... — Sofia franziu o rosto. Ela tinha certeza de que leu nos livros de biologia algumas coisas sobre plantas. — Árvores precisam de matéria orgânica para crescer, não?

— Bom, sim... — Dionéia concordou. — E daí?

— Bom, se um animal morrer, for decomposto e seus restos ficarem no solo... Seus nutrientes vão deixar o solo mais fértil, não?

— É... Eles vão.

— Então, no fim, as plantas não estariam se alimentando desses animais?

— É uma afirmação exagerada. — Dionéia respondeu. — É diferente. São compostos químicos. Eu... Eu me alimento de animais vivos. Vou me alimentar de você. Por isso todos me chamam de monstro.

— Monstro? — Sofia ergueu a cabeça para o céu da “boca”, de onde a voz parecia vir. — Por que você seria um monstro por comer?

— Porque não é isso que plantas fazem. Plantas não deviam comer seres vivos...

— Mas você é uma planta, não?

— Eu sou.

— E você precisa de seres vivos para se alimentar, não?

— Preciso, sim.

— Então você só está seguindo sua natureza, Dionéia. — Sofia coçou a cabeça. — Você não deveria se sentir mal por seguir sua natureza. Você não é um monstro.

A planta ficou em silêncio por um segundo, até que Sofia ouviu algo que parecia um leve choramigo. Ela sentiu a planta se mexer e a boca se abriu.

— Sofia! Pula, rápido! — Yumi chamou a amiga. Sofia pulou para fora da boca e foi recebida por um abraço da gata e por um esfregão de Ali.

— Achemos que você tinha morrido. Como seríamos amigos se você morresse assim? — Ali deu uma risadinha.

— É. Dionéia! — Sofia virou-se para a planta novamente, que estava imóvel.

— Me desculpa. — A planta mexeu-se. — Eu não deveria ter feito isso. Mas o Pai Céu me pediu para testar você... E disse que eu poderia te comer se você não se conectasse comigo.

— Conectar? — Sofia franziu o cenho novamente. — E esse Pai Céu mandou você tentar me comer? Que horror!

— É. Ele disse que era pra ser seu último teste. — A planta deu um pequeno choramingo. Estava claramente chorando, mesmo sem ter olhos. — Eu só aceitei porque eu realmente achei que eu era um monstro. Eu estava errada. Me desculpa. Eu nunca imaginei que uma humana iria me entender...

— Mas é claro que desculpo! — Sofia sorriu. — Então podemos ser amigas também!

— Podemos! — A voz de Dionéia ficou alegre. Ali riu.

— É a primeira vez que escuto sua voz assim, Dionéia! Você é sempre toda pra baixo. Vamos conversar bastante a partir de agora, de carnívoro para carnívoro!

Os quatro conversaram bastante ao longo daquela tarde ensolarada. Quando o sol ia se pondo, entretanto, Sofia viu uma luz aparecer há alguns metros dela.

— Sofia! — Ged saiu da luz, sorrindo. Atrás dele, havia um homem de expressão severa e uma mulher com feições tranquilas.

— Ged! — Sofia se levantou e correu até ele. — Eu consegui! Três animais confiam em mim.

— Quatro criaturas. — O homem severo corrigiu. — Encumbi você de fazer amizade com três criaturas. Você foi, e fez amizade com quatro.

— Você... — Sofia recuou um passo. — Você é Pai Céu?

— Sim. — Ele respondeu com a voz dura. — Sou Pai Céu, aquele que permite a travessia de pessoas entre esse mundo e o outro.

— E eu sou Mãe Terra. — A moça ao lado dele sorriu. — Estive observando seus movimentos. Você se esforçou bastante para aprender e entender o que acontecia ao seu redor. Foi capaz de entender e ensinar. Você passou com louvor em nosso teste, Sofia.

— E é por isso que você poderá ir pra casa, menina! — Ged disse, com um sorriso enorme. — Esse portal vai levá-la direto para onde você estava antes de vir para esse mundo.

— Mas... Já? — Sofia virou-se para Ali, Dionéia e Yumi. A gata flutuava com olhar triste.

— Já. Não era isso que você queria? Voltar para casa? — Pai Céu perguntou.

— Sim... Mas eu vou sentir saudades deles. — Ela pegou Yumi no braço e fez carinho em sua cabeça. — E da Lupa e da Wanghu.

— Não se preocupe, criança. — Mãe Terra tocou-lhe o ombro — Às vezes, precisamos deixar algumas coisas para trás para podermos crescer. Mas tenha certeza que os laços que você criou aqui nunca se perderão.

Sofia sorriu. Ela abraçou Yumi uma última vez e olhou para o portal.

— Eu... Obrigado, pessoal! — Sofia sorriu enquanto algumas lágrimas caíam pelo seu rosto. — Por tudo!

Ela virou-se para o portal, relutante. Porém, sentiu algo puxando-a pela gola.

Ela se virou e viu que Yumi flutuava, puxando a gola da garota com a boca.

— Eu quero ir também! — A gata disse, destemida. — Eu não quero ficar sozinha de novo. Eu quero ir com você!

Sofia olhou para Pai Céu, que tinha um olhar furioso.

— Nunca! Nenhuma criatura minha sairá dessa terra. Isso é terminantemente proibido!

— Mas, querido... — Mãe Terra aproximou-se do esposo. — Ela foi capaz de cumprir a missão junto de Sofia. Fizeram amizade até com Dionéia, que você mandou para fazer-lhe mal. Não acha que elas merecem isso?

O homem olhou para Sofia por alguns segundos, até que sua expressão dura amoleceu.

— Tá! Vão logo antes que eu mude de ideia.

— Isso! — Sofia abraçou Yumi com força. A dupla correu para o portal, envolvendo-se numa luz branca e azul.

Epílogo

Sofia abriu os olhos e sentiu o calor do sol em seu rosto. Estava na cama, em seu quarto na casa de tio Geraldo.

Ela levantou-se, confusa, e olhou ao seu redor. No pé da cama, havia uma gata branca, que ela reconheceu instantaneamente.

— Yumi! Você veio mesmo! — Sofia exclamou, indo fazer carinho na amiga. A gata fez um miado e lambeu a pata esquerda.

— É... Acho que você não fala desse lado, né? — Sofia sorriu do mesmo jeito, sentindo o calor do corpo da amiga nos dedos. — Mas fico feliz que você está aqui.

Ela ouviu um bater na porta.

— Sofia? Já está na hora do café. — Geraldo disse do outro lado da porta.

A garota correu e abriu a porta. Agora que olhou para o tio, percebeu que a semelhança com Ged era assustadora.

— Oi, tio! Já vou descer.

— Tá bem. E o que temos aqui? — Geraldo se aproximou da cama e pegou Yumi nos braços. — Que fofura. Qual o nome dela?

— Yumi! Será que posso ficar com ela?

— Claro. Vou conversar com sua mãe que você tem sido uma ótima aluna. — Geraldo fez carinho na gata, que estava completamente à vontade com ele. — Você parece energética. Teve um bom sonho?

Sofia sorriu e suspirou. Lembrou-se das lições do outro mundo, dos amigos que fez e dos problemas que passou.

— Eu tive. Tive um ótimo sonho. Vamos comer? Mal posso esperar para nossa aula do dia, Ged!

— Ged? — Geraldo ergueu uma sobrancelha, e deu um sorriso debochado. Em seus olhos, Sofia percebeu que ele sabia de algo.

— Tio Geraldo. Desculpa. Vamos?

— Vamos! — Ele colocou a gata na cama e caminhou para a porta.

Sofia foi atrás dele, se perguntando quais seriam as lições que ele teria para ensinar.

Mas não pôde deixar de pensar que, não importa quais fossem, ela estava pronta. Pois é muito mais fácil entender a natureza quando percebemos que fazemos parte dela.

Fim.

